



ECOS

ANTONIO CARLOS TÓRTORO

Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!
É como o óleo precioso sobre a cabeça,
o qual desce para a barba,
a barba de Aarão,
e desce para a gola de suas vestes.

É como o orvalho do Hermon
que desce sobre os montes de Sião.

Ali ordena o SENHOR a sua bênção, e a vida
para sempre.

SALMO 133

APRESENTAÇÃO

Quaisquer que sejam as suas convicções, a sua crença religiosa, o seu grau de cultura, sempre haverá diante de você um desafio de fé, de amor, de esperança, de otimismo, de coragem, de confiança.

Se você não crê em Deus, não importa, Ele acredita em você. Acredita em sua bondade, na generosidade de seu coração. Se você não tem fé em Deus, tenha fé em você, tenha fé naquilo que Deus ama em você.

Ao ler este livro de poesias;

Ao ler o seu autor;

Suas idéias, perspectivas e horizontes haverão de convencê-lo à realidade de uma maior participação em tudo aquilo que é descrito na história dos homens todos.

O poeta Antônio Carlos Tórtoro, tem a habilidade extraordinária de fazer poesia a vida de cada um e de todos, exclusiva ou pluralisticamente ao mesmo ritmo em que deslizam suas palavras pelas pautas de seus temas.

As poesias contidas neste livro são orações, são homenagens, são canções, são mensagens de uma nova exigência a ser descoberta e traduzida em atitudes e gestos reais, em situações, as mais diversificadas.

Antônio Carlos, com seu trabalho magnífico, nos faz ver que só os crentes conseguem vencer na vida e vencer a vida com as suas frustrações e contradições. Os grandes feitos do homem na História foram conquistados pelos homens de fé, que acreditaram nas suas idéias, nos seus sonhos, nas suas utopias. Não fossem idealistas não teriam atravessado o Rubicão da indiferença dos incrédulos, nem superado os vagalhões das ondas revoltas das oposições. É assim, pois, que leio o autor deste livro em sua obra; foi assim, que convivi com ele, que o conheci e com ele aprendi a fazer de meus ideais, uma poesia constante!

Com admiração e carinho profundos por Antônio Carlos, apresento aos leitores este livro maravilhoso, que os ajudará a encontrar sentido renovado, equilíbrio de lei e de caridade, sublimidade de amor, encontro entre a inteligência e a compreensão humana.

Este livro, finalmente, nos leva a acreditar que Deus está na gente, também no irmão da gente, a fim de deixar-nos viver a intimidade de Sua presença sempre amorosa na história que fazemos e que a poesia decanta em versos e prosas.

Com estima e grande amizade pelo autor e por todos os seus.

Pe. Gilberto Kasper

DEDICATÓRIA

Escrever é deixar ecoar as vibrações que nos atingem, emanadas de infinitas fontes de irradiações naturais e espirituais, cujos símbolos por elas criados são em nós interpretados, corretamente ou não, para a seguir, através da escrita, tornarmo-nos novos mananciais de vibrações.

É por este motivo que o Cósmico é mencionado em grande parte dos textos aqui editados, significando não um lugar mas um estado, uma fonte intangível, ilimitada, de onde se irradiam as energias imutáveis e construtivas da Divindade e que nos cercam no dia a dia.

E das muitas pessoas que me passaram energias Cósicas para a consecução do meu sonho de escrever e publicar um livro, quero dedicá-lo à minha esposa Lúcia pela paciência e carinho, aos meus filhos Giovana e Rodrigo por não reclamarem do tempo que os versos lhes tomaram, à Professora Ely Vieitz que foi a primeira a chamar-me poeta, às Irmãs Ursulinas na pessoa da Irmã Regina e da Madre São Paulo pelo incentivo e apoio, ao Pe. Gilberto Kasper pelas publicações nos boletins da Catedral Metropolitana, aos proprietários dos jornais "O Diário" e "A Cidade", por manterem um espaço aberto para novos escritores em suas colunas "Poetas da Terra" e "Poetas de Ribeirão Preto", respectivamente, à Professora Maria do Carmo que se dedicou à revisão dos textos, à Professora Heloisa pela revisão das provas e a todos os Professores e funcionários do Santa Úrsula que vibram comigo a cada trabalho publicado, aos amigos que doaram brindes, venderam ingressos e trabalharam na "Noite de Confraternização", organizada pelo Prof. José Augusto (Guto) e pela Neyde, que gerou os fundos para a edição deste livro, à Ana Paula que ao tirar as xerox dos primeiros textos que escrevi, sugeriu-me publicá-los nos jornais da cidade.

Minha dedicatória especial à Célia Duáliby cujo apoio e persistência foram fundamentais para tornar realidade o sonho de editar uma obra, e também ao Dr. Cláudio Monegalia, proprietário do Holiday Inn, pela atenção.

Este livro, com todo o meu amor, é para vocês, amigos...

ÍNDICE

| | | |
|------------------------|--------------------|----|
| Círculos | | 53 |
| Dedo de arco-íris | Xadrez ideal | 54 |
| O Galo | Bandeira | 55 |
| Poeta | Janela | 56 |
| Presépio e a Cruz | Batida | 57 |
| Amor, onde estás? | Amor de carnaval | 58 |
| Presença | Flor do Brasil | 59 |
| Sombra e luz | Hadji | 61 |
| Califórnia | Doação | 62 |
| A praça | Guerra santa | 63 |
| Cala | Vocações | 64 |
| Esperando | Aniversário | 65 |
| Noel | Olhos de cão | 66 |
| Quarto rei | Dízimo | 67 |
| Deusa | Jogos Cósmicos | 69 |
| Independência | Equilíbrio místico | 70 |
| Farpas | O excepcional | 71 |
| Carteiro | Abrigo | 72 |
| Não vale a pena chorar | Feliz anos-luz | 73 |
| Pressa | Poços de Cotia | 74 |
| Ficar | Posse | 75 |
| Regatas | Quase olímpicus | 76 |
| Dois mundos | Reflexo do zodíaco | 77 |
| Fugindo | Moeda | 78 |
| Escrava e senhora | Boxe dos fatos | 80 |
| Armação | A Catedral | 82 |
| Olhos tristes | Tiras | 83 |
| Verdes mares | Falta | 84 |
| Última sinfonia | Na teia | 85 |
| Mã temática astral | Eu vi Presley | 86 |
| 666 | A ceia | 87 |
| Primavera | Poeirada | 88 |
| Hermafrodita | Semáforo | 89 |
| Mentira | Objetivação | 91 |
| Filhos da luta | Alvo | 92 |
| | Revelação | |

| | | | |
|------------------|-----|-------------------|-----|
| D.O.E. | 93 | O muro | 131 |
| Família | 94 | Lenços | 132 |
| Horáciu's | 95 | Pedras | 133 |
| Procura-se | 96 | Papel de pão | 134 |
| Pauta | 97 | Alices | 135 |
| The Beatles | 99 | Revoada | 136 |
| Manchas | 100 | Oriente | 137 |
| Finados | 102 | La Boca | 138 |
| Eucalipto | 103 | Eremita | 139 |
| Proclamação | 104 | De corpo e alma | 140 |
| Marias | 105 | Registros | 141 |
| Enche | 106 | Superinteressante | 143 |
| Levanta | 107 | Lotação | 144 |
| Palmares | 108 | Paraíso tropical | 145 |
| Límite | 109 | Templo marcado | 147 |
| Revivescer | 110 | Nova escola | 149 |
| Não sei | 111 | A frase | 150 |
| Paz Celestial | 113 | Safari do amor | 151 |
| Filha de Amiens | 114 | Absurdo | 153 |
| Podre de | 115 | Oferenda | 154 |
| Gula conivente | 116 | Joana D'Arc | 155 |
| Bíblia Sagrada | 117 | China | 156 |
| Nossa arara | 118 | Gigli | 157 |
| Mosca azul | 119 | Mãe | 158 |
| Prematuridade | 120 | Colunas | 159 |
| Buraco | 122 | Fases | 160 |
| Caminhos | 123 | Visitas | 161 |
| Círculos | 124 | Torneios | 162 |
| Explosão de vida | 125 | Inacabamentos | 164 |
| Antena (tal) | 127 | Rosa um | 165 |
| Sudário | 128 | Passagem | 166 |
| Ica | 129 | Biografia | 167 |
| Reveillon | 130 | Agradecimentos | 168 |

CÍRCULOS

Somos círculos concêntricos
Excêntricos...

Arcos ansiosamente em busca
Do centro,

Incentro do Triângulo

Equilátero,

E trabalhamos incessantemente,

Mentes imersas em oceano

Do humano breu da ignorância.

Somos círculos tangentes

Indigentes...

Curvas imensamente longas

Ângulos internos de infinitos pis

Radianos...

Aberturas externas menores que os retos

Projetos de aprendizizes

Mesmo em sendo mestres.

Somos círculos dispersos

Buscando os companheiros

Simples obreiros da vida...

Centros esparsos,

Apoios de compassos,

Passos reais nos caminhos ideais,

Raios diferentes

Mas congruentes.

Somos círculos secantes

Amantes...

Determinantes de mil cordas

E nós...

E intersecções de cruzes

Circuncentros exponenciais

Do Círculo Maior

Que o infinito.

DEDO DE ARCO-ÍRIS

No chão o barro
A umidade
O cheiro forte da chuva.

No ar o frio
A tristeza
A cor escura do dia.

No meu olhar
A escuridão
Só a dor de um arrepio.

No céu de nuvens
O nada
Da hora nona da Paixão.

No horizonte com o sol
Uma nesga de esperança...

Um dedo de arco-íris
Que iluminou o chão...

O ar...

As nuvens...

E o meu olhar.

O GALO

Ouço o cantar do galo
Resvalo nos lençóis da cama
E na lama das falsas relações...
A pedra bruta que sou
Vou sob ações e reações
De acordo com as canções dançando
E lapidando aresta por aresta
O que me resta de imperfeições.

Ouço o cantar do galo
E no intervalo que sucede à vigília
Penso na ilha de esperança que sou
E vou rodeado de decepções e dores
Procurando as flores e luzes
Ou de um arco-íris as cores
Que aos meus amores possam servir de ponte
Para que a fonte de meus anseios
Encontre meios de chegar ao Continente.

Ouço o terceiro cantar do galo
Me calo e aguardo o julgamento.
É o momento de sentir o açoite
Da noite sorvo a escuridão...
Meu coração procura o Sagrado
Amargurado peço perdão pela discórdia
Que minha imperfeição gerou ...

Meia-noite passou ... com ela os anjos
Vem misericórdia.
Sou Pedro... sou pedra polida
Minha vida enfim... terminou.
Dobrou o sino... atordoante
Sob flamejante espada
Deixo de ser nada... que seja assim
E alma mergulhada em Deus
Reencontro entes queridos meus
No Jardim...

POETA

Poeta é o ser que na rosa
Vê os lábios da formosa
Mulher que o deixou.
Poeta é o ser que todo dia,
Vive na fantasia,
Enaltece quem não o amou.

Poeta é o ser que tem a ventura,
De encontrar na natura,
A sua seiva vital.
Poeta é o ser que vê na antese,
A Virgem que se oferece
Numa noite angelical.

Poeta é menestrel que na noite,
Sob um vento que é um açoite
Celebra em poesia a amada.
Poeta é o ser que mortício
No catre de um cortiço,
Sorri como se houvesse nada.

Poeta é o que ama a liberdade
Que mais forte sente a saudade
E as chagas de uma dor.
Poeta é o ser que ama a vida,
Que em palavras sentidas,
Escreve versos de amor.

Poeta é o ser que ao sentir a desgraça,
Nos lábios traz, tão cheio de graça
Um sorriso que é uma oração.
Poeta, enfim, é o que ama a beleza,
O seu livro é a natureza,
Sua pena o coração.

PRESÉPIO E A CRUZ

Manjedoura... Cruz
O Menino, pés sobrepostos
Braços abertos e um sorriso.
Perpasso num olhar
Três décadas e três anos transcorridos.
Três pessoas numa só,
Triângulo Místico
Mistério Cósmico.
Fico perplexo
E no plexo o frio
Frio que acompanha a angústia
De quem antevê a resposta...
Que não vem,
Cruz...
Imagino o Homem na manjedoura
E o Menino na Cruz.
Princípio contendo o fim
Ciclo vital perfeito
Sem retorno para um novo ciclo
Síntese do que nasceu sem ter nascido
E morreu sem ter morrido,
Pois só se fez... visível.
Cruz... Manjedoura
O Homem, pés sobrepostos
Braços abertos e sangue, suor
Repouso o olhar.
Três Magos... três Reis seguidos
Três visitas numa só,
Triângulo de adoração
Mistério Cármico.
Fico feliz
E no corpo o ardor
Ardor que acompanha o êxtase
De quem já sabe a resposta
O Caminho...
A Verdade...
A Vida...

AMOR, ONDE ESTÁS?

Amor, onde estás que não te vejo?
Só sei que não estavas nos mil beijos
Que ganhei da minha amada.
Amor, onde estás que não te sinto
Será que vives num labirinto
Num abismo enclausurado?

Amor, onde estás que não te escuto
Será que pr'a ver-te ser astuto
É uma das condições?
Ou será que porque és pureza,
Te escondes e me dás tanta tristeza
Machucas meu coração?

Amor, onde estás neste infinito?
Aparece, sem ti nada é bonito,
É tudo desilusão.

Amor, volta ao mundo, traz beleza
Faça os homens verem natureza,
Esquecerem a ingratidão.

Amor, onde tens tua moradia?
Será que aqui já não viverias
Melhor do que onde estás?

Amor, vem ao mundo, evita o caos
Põe bondade em coração dos maus
E da Terra não sairás.

Viveremos felizes... alegria!
Pois todos gostamos da fantasia,
Todos queremos amor!
O que falta porém é encontrar-te
Onde amor, neste momento achar-te
No meio de tanta dor?

No âmago de tamanha pobreza
De miséria e indelicadeza
Nunca o amor jamais vi.
Por isso, vem amor, és esperança,
Neste Universo que já se cansa
De esperar-te... crer em ti.

PRESENÇA

No Gênêsis ao criar os horizontes
E nos montes apor verticalidades
Na verdade criava Ele a Sua Cruz.
E deduz a minha vil intuição...
Quando a Paixão estava sendo escrita
Para desdita de toda humanidade
Que na insanidade crucificou o Cristo...
Naqueles dias eu estava lá.

Minh'alma que não terá final
Início sei, então também não teve
Esteve em Deus desde o Princípio e agora...
Da sexta hora até a nona... no Calvário
E no itinerário do cruel martírio
Como em delírio... sonho... ou fantasia ?
Naqueles dias eu estava lá.

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso
Cioso creio na imortalidade d'alma...
A calma idéia dá-me segurança
Traz-me à lembrança sô uma certeza
Naquela mesa que a ceia reunia
Naqueles dias eu estava lá.

No Getsêmani eu bebi do cálice
E na face Judas me saudou... com beijo.
Ainda vejo a turba enfurecida
Que ensandecida escolheu-me a Barrabás.
Caifás, Anás... a seguir Pôncio Pilatos
Os desacatos, as torturas, quedas... cruz
E quando a luz as trevas escondida
Naqueles dias eu estava lá.

No sepulcro logo após ressurreição...
Na aparição à Maria Madalena...
Naquela cena a caminho de Emaús...
Quando Jesus apresentou-se à mãe Maria...
Também no dia que aos Doze fez-se ver...
Ao ascender no Monte das Oliveiras...
Na esteira de tudo o mais que ocorreria...
Naqueles dias eu estava lá.

Eu estava lá... hoje estou aqui
Revi milhões de vezes sacro evento... Santa Missa
E a premissa de que lá estive
Sempre revive na Consagração.
A emoção de estar com Ele todo dia
É alegria divinal ... Semanas Santas
Que agiganta as esperanças de um Sinal
Final dos Tempos em que estaremos todos... Lá.

SOMBRA E LUZ

Se fosse resolver...

 Numa gruta eu nasceria

 Tomaria do cálice num horto

 E quase morto levaria a cruz

Se fosse resolver...

 Eu seria flagelado

 Coroado de espinhos

 Crucificado qual Jesus

Se assim fosse...

 Já teria resolvido

 Pois duvido uma sombra resolver

 A meu ver, o que em dois mil anos

 Entre insanos...não conseguiu a Luz...

CALIFÓRNIA

Se mil comem faisões
De inanição morrem outros mil
A vil renda per capita informa...
Desta forma coube meio faisão
De quinhão a cada um
Só que alguns vão bem obrigado
Outros perecem de indigestão.

Ribeirão é Califórnia
Nesta esbórnia da estatística...
É a mística do bem viver... hedonismo
Que nos faz crer a televisão... a comunicação
Na ilusão de sermos iguais
Jamais revelando ideologias
Por outras vias criando sonhos irreais.

Que Califórnia é esta ?...
Periferia atesta a pobreza
A riqueza em bolsões se aninha...
Que daninha estrutura social
Desigual nos lucros e rendas
Horrendas estruturas... tão iníquas.

Calidoscópio... praias particulares
Lares-mansões... Europa... dólares
Ares aristocráticos... superiores
Amores... luzes... som...
Um bom iate... corridas de jet-ski.
Aqui... donos dos nossos destinos
Quintinos não são reais.
Aís... aís... aís... que paz.

A PRAÇA

A noite de verão tão quente
Faz encher de gente
O jardim da vila.
A lua tão clara e singela
Esquece que é bela
E em sair vacila.

Crianças que cantam com graça
Na fonte da praça
Infantis canções
São pequenos... não sabem quanto
Eles têm de encanto
Em seus corações.

Dois jovens longe desta vida
Olham a colorida
Fonte do jardim
E em passos lentos, cadenciados
Vão enamorados
Se amando enfim.

O velho, todo paciência
Beira da existência...
Fim que tarda vir,
Ápoia o corpo na bengala
Calado, não fala
Consegue sorrir.

A lua vai no céu subindo
E no véu infindo
Estrelas estão .
Na praça porém, com a hora
Todos vão-se embora
Reina a solidão.

É a praça que dorme sem alma,
Repousante e calma...
Nem um só rumor.
É a praça em que todo mundo
Esquece o mundo imundo
Sente mais amor.

CALA

Se ouve
Cala... finge...
 não ouviu.

Se não ouve
Cala... finge...
 que ouviu.

Se vê
Cala... finge...
 que não viu.

Se não vê
Cala... finge...
 que viu.

Se sente
Cala ... finge...
 não sentiu.

Se não sente
Cala... finge...
 que sentiu.

Sempre cala... finge
Calafanje.

ESPERANDO

Passou...

E o tempo passou

Futuro chegou...

e acabou.

O Homem ficou.

Amou.

Lutou.

Penou.

O Homem chorou

E a quem ele amou

Só o desprezou...

Magoou.

O Homem que amou

Seu peito gelou

Ele soluçou...

Chorou.

A gota rolou

O rosto molhou

Caminho traçou

A boca salgou.

O lábio cerrou

A dor amargou

No peito matou...

o amor que findou.

Mas...

pensando ficou

Naquela que amou...

que desejou

...que amor lhe negou.

Negou...

E o tempo passou

E a morte chegou...

e levou...

O ser que esperou.

NOEL

Estou como um menino
Esperando Noel.
Quem sabe um carro novo...
 sonho de papel.
Talvez novo motor no velho carro
Bizarro querer...
 ver reformada minha BNH
Quia casa no campo (emprestada) para descansar
Ouvir tocar um laser...
 ter um livro a publicar...
Quanto esperar...
Nenhum sapato na janela
A novela reforça fatos... desejo...
Vejo lagos em iates... conheço Como
Não sei como...
 com os olhos vou à Roma... e Paris.
Por um triz não caio da poltrona
A dona do meu querer salta de para-queadas
São quedas e quedas no real...
 no final do comercial.

Estou como um menino
Esperando Noel.
No céu nenhuma estrela brilha diferente
Meu presente não virá...
Dependerá das lotos ou das senas...
As renas não se mostram para adultos
Os vultos do passado não permitem
E insistem em matar a ilusão.
Em vão... suspiro.
Retiro do bolso um volante
Por um instante... ocorreu.
Chegou Natal
A Sena Principal...
 sou Eu.

QUARTO REI

Procuro A Estrela...
de Belém
Além das silhuetas de concreto.
No deserto da Metrôpole sou Mago
Vago como o quarto Rei...
busco o Caminho
Sozinho espero os Sinais da Verdade
E da Vida.

Procuro O Menino...
em manjedoura
Duradoura felicidade em meio a tédios
Entre prédios... Evangelho é oásis...
mato a sede
Na parede de espelho...
me encontrei
Sou o quarto Rei...
busco um destino
O sino por quem dobra...
já não sei.

Procuro O Natal...
em Paz Profunda
Na imunda e tão sombria...
realidade
Na verdade quero nuvens que chovam o justo
A todo custo quero o amor nos corações.
Espero ações que para sempre mudem vidas
Comprometidas com a palavra de Jesus.

Procuro a Salvação...
em vigilância
Minha ânsia é saber ler com coração...
Oração e penitência... Fortes Tempos
Em que nos Templos o roxo é predominante
É instante de purificação.
União com Cristo... de Pentecostes o Vento
Que ficará no meio de nós... A Chama...
É O Momento...
É Tempo do Advento.

DEUSA

Além do infinito... muito além do firmamento
Eu vejo a menina que amo... fruto do meu pensamento.
É ela um amor que desejo... é um amor fantasia
É nela que penso sempre... para ela faço a poesia
É um ser toda ela ternura... um símbolo... um ideal
Eu sei que ela não existe... sei que é um ser irreal.
Seu rosto eu o vejo lindo... mas não é dela... é mistura
Cultura de rostos bonitos que conhecer tive a ventura.

Para mim é o essencial... é a menina padrão
É tão perfeita que insisto... só há na imaginação.
Tem uns cabelos longos... de um suave olor
Podem ser louros... morenos... pois não me interessa a cor.

Quero que tenha olhos grandes e pretos... mais lindos assim
eu penso

Quero olhar cândido... puro... que demonstre amor imenso.
Deve ser pequenina... e só minha para eu não sentir ciúme
Pois é sempre no menor frasco que existe o grande perfume.

Sua boca eu quero doce para cobri-la de beijos
Para em momentos de êxtase... matar todos os meus desejos
Um narizito delicado... um pouco arrebitadinho
E uma orelha perfeita... sustentando um modesto brinquinho

Quero um andar miudinho... com graça... sem afetação
Que seja sincera comigo... que mo dê seu coração.
Só ela eu quero no mundo... mas é impossível encontrá-la
Pois se é perfeita é Deusa... e se é Deusa onde achá-la?

INDEPENDÊNCIA

Independência...
Pior do que não a ter
É pensar que a tem sem ter tido.
Ainda bem...
Aqui isto não tem acontecido.
Educação vive seus dias de glórias
Com medidas provisórias alterando legislação.
Habitação já é caso resoluto
Pois vão de viaduto não falta nas capitais.
Anais forenses se achegam da preguiça
Já que a cega justiça naturalmente se faz.
Assaz prudente a previdência prevê
Antevê gastos... mas dinheiro na hora não se vê.
Há um quê no atendimento à saúde...
Deus nos ajude não ter que um dia usá-lo.

Independência...
Pior do que não a ter
É pensar que a tem sem ter tido.
Ainda bem...
Aqui isto não tem acontecido.
O brasileiro tem viver perfeito
Lei de Gerson... direito do cidadão.
Na mão tem o País o Presidente... esportista
Parlamentarista diz... respeita a Constituição.
Questão de honra... solidariedade... parental
É pagar com gana dívida internacional
Aval dez... confiança... conhecimento dos direitos
Cujos preceitos afirmam que independência
É a existência da promoção do Homem.

Independência...
Pior do que não a ter
É pensar que a tem sem ter tido.
Ainda bem... mesmo que assim alguém queira
Aqui isto não tem acontecido... Viva...
Viva independência à brasileira...

FARPAS

Farpas de olhar
Nada mais divertido
É jogo... é guerra
É ter sem ter tido.

Farpas de olhar
Nada mais profundo
É desafio... é luta
É sair do mundo.

Farpas de olhar
Nada mais quente
É romântico... é amor
É carícia ardente.

Farpas de olhar
Nada mais proibido
É sexo... é carne
É possuir e ser possuído.

Farpas de olhar
Nada mais comunicativo
É brincadeira... é sonho
É forma de ficar cativo.

CARTEIRO

Vai, abelha dourada
Esperada ansiosamente...
E como se aleatoriamente pouosa
Deixando ora amor, mel, ódio ou fel
Envolvidos em pólen de papel.

Vai, água das distâncias
Que até às últimas instâncias
Cumpre o dever...
Vai, correr, chamar, esperar, procurar
Parar no meio-fio...
E refletir sobre um número por instante,
Ser solícito o bastante... dar a mão.
Do cão se desvencilhar
Enfrentar da faina os desafios.

Vai, beija-flor dourado
No entrelaçado de ruas e becos
Ósculos secos e rápidos distribuindo
Assumindo as vezes de Mercúrio
E augúrios desfazendo ou confirmando...
Lavando o corpo sob temporais
E nos mais escaldantes sóis
Vai... trazendo a nós
Apesar do grande peso
A voz... a emoção... o grito
Tudo enfim que possa por escrito,
Como num rito de essências,
Entrelaçar humanas existências.

NÃO VALE A PENA CHORAR

Por que choras menina linda
Se nem sentiste ainda

A dor de uma desilusão?

Por que choras menina criança
Como se não mais a esperança
Vivesse em teu coração?

Por que choras minha menina
Por uma coisa tão pequenina
Como o é uma repreensão?

Por que choras minha pequena?
Será que vale a pena
Por tão pouco magoar teu coração?

Não menina ... não vale !

A tua inocência embale

E não deixa morrer tua ventura.

Luta, espanta os problemas do mundo
Disto sinto um desejo profundo
Sê alegre, e destrói a amargura.

Vive a tua pouca idade

Porque do mundo quando vires a verdade
Não terás forças para chorar.

Faze em teu olhar viver sorriso
Esquece as lágrimas, vive num paraíso
Esquece o medo, aprende a amar.

Vive, pensa que a existência é bela
Pensa que nem todos são como aquela
Que procura te magoar.

Pensa que no mundo há alguém que te ama
Que até a vida te dará, se tu a reclamas
Somente para nunca, nunca mais te ver chorar ...

PRESSA

Para que pressa...
Se não posso aumentar em um segundo
O tempo do meu dia.
Se não posso alterar em um grau
O calor normal do sol.
Se não posso iluminar um lúmen só
O brilhar da lua.
Se não posso afinar de um pássaro
Seu canto aprendido na natureza.
Se não posso percorrer do rio
O percurso de milhões de anos.
Se não posso ao uivar do vento
Acrescentar um sopro.
Se não posso das ondas do mar
Modificar o fluxo.
Se não posso ao espermatozóide
Indicar o óvulo.
Se não posso impedir minha morte
Ou ao menos adiar seu dia.
Se não posso revelar à abelha
O pólen das flores.
Se não posso ao meu coração
Ensinar novos amores.
Se não posso na minha inquieta alma.
Implantar silêncio.
Se não posso ao conseguir silêncio
Encontrar a paz.
Se não posso envolvido em paz
Perder a pressa.
E ver imprensa na sábia consciência
A advertência...
PÁRA ... que pressa?!!!

FICAR

Ficar ... permanecer ... quedar-se fundo
Segundo Aurélio ... ser responsável por
Dispor de tempo para viver ... amar
Se deleitar no amado ... sonhar
Repousar no eter ...

Ficar ... é estar junto no baile ... da vida
Curar ferida que ficou ... com outro ficar
É deixar nosso vazio locupletar-se
Transbordar-se de outro
Viajar na luz ...

Ficar ... é viver intensamente ... não ir
É sorrir diante simples venturas do ser
Renascer a cada dia ... querer ver o sol se por
Com amor, ver "tchã" em tudo
Curtir o simples
Deitar no som ...

Ficar com Jimmy ... André ... Martin
Sem fim ... sem fé ... sem Deus no coração
É solidão ... é não ficar
É estar sem ter estado
Um navegar sem mar.

Ficar ... o CÔSMICO E REAL FICAR
É não deixar morrer Mirellas ...
Pintar com cores naturais de aquarelas
O Mundo melhor que há por vir ...
É procurar servir sem retribuição
É ação ... ouvir é harmonizar-se
Elevar-se em oração.

(Baseado no texto deixado pela jovem Mirella, 16 anos,
que morreu recentemente ao cair do 9º andar de um
edifício).

REGATAS

Clube de Regatas
Regateiro ...
Assédio de verde e flores
Festival de águas e cores.
Lagoa prateada, piscinas azuis ... Rio Pardo.
Quadras de chão e grama
Caminhos de pedras e areia
Espaços abertos de ir e voltar.
Pistas para correr dos medos,
Bosques que guardam segredos,
Chope para regar a sede.
Amigos que compõem enredo
De mais uma semana o final ...
Os peixes, na ponta das varas dos Pedros
Apóstolos da paciência ... filósofos de beira-rio,
Prateiam ao sol ...
E os sons das aves e insetos
Se confundem com os ruídos
Dos homens e das crianças ...
Em alguns recantos ouve-se o silêncio
E a voz interior ...
Encontra-se a Paz ... a Harmonia.
Nos restaurantes, boite, salões
O tilintar de copos e pratos
Ecoam por entre eucaliptos e concretos
Entrecortados por estrondos do bocha,
Dos gols, dos motores dos barcos ...
O sol mora nas piscinas ... é sócio remido
Bronzeia os corpos na meia lua
E no tanque, lava as almas jovens
Com sua energia milenar.
A brisa mata a ânsia de natureza
E os campos e quadras arrefecem a fúria,
A competição pela sobrevivência no cotidiano,
Num turbilhão inebriante de gestos,
De movimentos, de gritos ... de liberdade.
O odor é do rio, do churrasco
Do bronzeador, do cloro ... da vida.

É um cheiro de mato
De corpos jovens, de terra úmida ... de saúde.
Templo de lazer, cujo portal aconchegante
Num rito semanal atrai centenas,
Deixa-se cruzar, como uma artéria,
Por caudaloso e amigável RIO-ALTAR
Em cujas margens todos se debruçam
Para senti-lo ... auscultá-lo ...
Ouvir estrelas ...
Cantar uma canção inaudível.
Orar uma oração indizível.
VIVER.

DOIS MUNDOS

Eu vivo num mundo distante
Onde há beleza bastante
Para que eu não o deixe jamais.
É um mundo em que existe a amizade
Onde sinto a sinceridade
E onde são todos iguais.

É o mundo da imaginação
Onde governa o coração
Só com amor e bondade.
É Universo utopia
Sem tristeza ... só alegria
Sem ódio e sem a maldade.

Mas às vezes dele eu saio
Do meu pedestal eu caio
Neste mundo tão ocupado
E vejo a diferença.
Aqui todo homem só pensa
No salário ... no seu ordenado.

Ninguém pensa em amar
Ninguém pensa em admirar
As belezas da natureza.
Aqui tudo é corrido ... apressado
O tempo não fica parado
O tempo é dinheiro ... é riqueza.

Ninguém tem amigo sincero
Vendo isto me desespero
Sinto-me angustiado.
Eu noto que o homem de agora
É um escravo da hora
É algo só ... isolado.

Não existe mais união
Ninguém mais confia no irmão
Os pais contra os filhos lutam.
É o fim triste da humanidade
Princípio do fim ... eis a verdade
A voz do amor já não escutam.

São dois mundos que em mim colidem
Seus ideais não coincidem
E o prejuízo é meu.
Porque se vivo na utopia sou louco
E com este falso não concordo tampouco
Enfim ... não sei de onde sou eu ...

FUGINDO

Fujo da gentama ... fujo
Para poder pensar e ver
Que esta vida que eu levo ... infame
É a causa deste meu sofrer.

Um hausto no barzinho sujo
Dá-me forças para me julgar
E lôbrego vou pelas ruas tristes
A minha sina à solidão contar.

Caminhando então na noite eu parto
Os grilhões que me atormentam ... matam
Maldigo àqueles que me chamam ... falam
Odeio àqueles que me cercam ... amam.

Arfante então, depois de tanto andar
Na minha vila ... sô ... a meditar
Eu langue volto à minha moradia
Para nos meus versos eu me revelar.

Os borrifos de suor do rosto
Sobre o sujo papel vão cair
E o cansaço unido à desgraça
No solo me fazem dormir.

Ali eu durmo ... vivo fantasias
Que a realidade não me deu viver
Nos meus sonhos eu a vejo linda
Dos meus lábios sai palavra ... AMOR.

ESCRAVA E SENHORA

Escrava dos meus carinhos
Senhora de um coração
Menina dos meus encantos
Deixar-te quero mais não.

Se vives só por meus olhos
Eu vivo por teu amor
Sem ti ventura inexistente
Longe de ti só há dor

Sem mim não podes viver
Se é verdade mui me adoras
Eu se não posso te ver
Tem minha vida tristes horas.

Enfim ... estou apaixonado
Troveja em meu peito um grito
Ovante ... te vejo ao meu lado
Dizendo:- O mundo é bonito!!!

Bonito ... em ti vejo o mundo
Em ti eu encontro a esperança
Esperança não existente
Bem antes da nossa aliança.

Tu és hoje toda minha vida
Por ti sinto do amor ... sezão
És linda escrava dos meus olhos
Senhora do meu coração.

ARMAÇÃO

O país **A** armava o **B**

Que armava **C**

Que armava **D**

Que armava **E**

Que armava **F**

Que armava **G**

E enfim todos se armavam para a hora **H**

Quando o país **I**

No momento **J**

Invadiu o **K** ...

E o **A**

Que armava de **L** a **Z**

Declarou Guerra Nuclear

E não mais teve a quem armar ...

OLHOS TRISTES

Olhos tristes são teus olhos
Que não me canso de mirar
Olhos tristes são vermelhos
Por de tristeza chorar.

Olhos tristes ... olhos belos
São os olhos de ti, meu amor
Olhos tristes só demonstram
Angústia, amargura e dor.

Olhos tristes são castanhos
De um brilho lindo ... sem par
Olhos que me fizeram
Por ti eu me apaixonar.

Olhos tristes sem segredos
Espelhos de tua alma
Que é tão pura ... tão bonita
Que só tua presença me acalma.

Quando sorris Olhos Tristes
Brilhas de tanta alegria
Sem ver-te eu fico louco
Sem ver-te eu não viveria.

Olhos Tristes ... quantas lágrimas
Tu já não viste correr ..
Olhos Tristes porém não sabes
Como é ruim ver-te sofrer.

Olhos Tristes não sejas mais
Pois é só teu o meu amor
Olhos Tristes não chores mais
Sejas bela como uma flor.

Olhos tristes da minha amada
Olhos tristes de ti, Princesa
Para de chorar ... pensa em mim
Vê, meu anjo, do amor a beleza.

Vê minha paixão Olhos Tristes
Vê como ela é grande ... sem fim
Vê Olhos Tristes ... e sorria
Sorria só para mim ...

VERDES MARES

Final do século dezanove ... exuberância
Elegância nos Cassinos ... Mármore Carrara
Raras presenças de artistas estrangeiros
Exageros de prostitutas ... francesas
Princesas ... deleite dos "coronéis"
Quinhentos mil réis ardendo charutos
Frutos colhidos da mais-valia de alguém.

Passados são mais de cem anos
Italianos imigrantes ... foram bravos
Tomavam lugar dos escravos ... nas lides ... na plantação
Hoje falta alimentação ... grave ameaça
Desgraça nossa e do volante bóia-fria
Que ao raiar do dia já labutou ... se cansou
Cortou muita cana-de-açúcar ... suou
Adoçou conta bancária do patrão.

Final do século vinte ... extravagâncias
Adolescência no Shopping ... moda ... a mais cara
Mascara-se a invasão cultural
Tudo é normal ... nada é real ... só as cores
E odores do restilo ... fuligens das queimadas
Que fazem revoadas ... penetram pulmões
Longe das mansões ... muito além

Ribeirão vai virar mar
Mar de verde ... cana
Desumana ... sórdida monocultura
A esta altura ... com uma troca de reis
Reis do café por reis da cana ... é ...
Café quente por álcool ... aguardente ... sem alimento
No momento emergente Califórnia
Reprise de Eldorado
Com mesmo início ... "medium" ... e fim
Aprimorados.

ÚLTIMA SINFONIA

Tocando a mão na face encarquilhada
Eu noto que minha vida se adelgaça.
Na rua empoeirada ouço nada
E junto com o tempo a vida passa.

No rosto sinto o olor que vem do leito
No qual minha existência vou findar
Um cheiro de algo morto, putrefeito
De chagas que estão a me matar.

Procuo ... sentindo dor penosa
Levantar-me para ver a noite bela
A derradeira noite em que ruidosa
A morte vem surgir em minha janela.

Coloco-me ereto ... andar trôpego
Com ansiedade busco ver o céu ...
Mas as minhas dores não me dão sossego
Sobre meus olhos cai um negro véu.

Flui uma prece de meus lábios frios
Que é despedida de um homem que via
Na natureza, nas matas, nos rios
Seu Deus Supremo no qual ele cria.

Ai, Vésper ... ninguém lhe iguala no lume!
Ai, Lua ... foi seu meu último olhar!
Mas sinto ainda do campo o perfume
Eu ouço do sapo-boi o coachar.

Do rio ouço o ruído que é tão doce
E do monjolo escuto o baque fundo.
Respiro o ar tão puro que ovante
Envolve o corpo deste moribundo.

Meu ser é mergulhado na algidez
Antes as sombras do além eu depereço
Imagens vejo em minha morbidez
Minha alma à morte ávida ofereço.

Não sei se estou agora delirando
Mas vejo lá no alto nítida imagem ...
Vem sôfrega no céu serpenteando
Percebo ser da morte a carruagem.

Na noite galopando a toda brida
Conduz o seu cocheiro ... negro espectro
Sua lúgubre presença torna a vida
Sem uma ilusão ... nada concreto.

No peito vem a angústia da nevrose
É o princípio do fim ... a agonia
E tomo qual um morto ... esclerose
Dos Anjos já ouvindo a Sinfonia.

MÃ TEMÁTICA ASTRAL

Nos cálculos numerológicos
Os dígitos do meu nome,
Gravados em mim ... ferro e fogo ... e sal.
Em nome do Pai e do Filho
E da chama do Espírito Santo,
Imputaram-me em agosto dia
Netuno como "estrela protetora" ...

Disseram estar a felicidade
Submersa em oceanos distantes,
Em secretos aconchegos
Nas conchas, e nos abismos,
Das águas verdes do mar ...

A fama estaria nas letras
Mortas, vivas, escondidas,
Nas gavetas, nos rabiscos
Nos poucos versos que fiz...

Glimetionis, novalginas,
Guardiãs de vadio fígado,
Tal como cicutina a Sócrates
Fulmina em doses sutis,
O que resta dos dias meus...

E a morte far-me-á falseta
Dizem eles, os números,
Disfarçada virá, a futura companheira,
Em síncope "mortal" ...
Serei Romeu ...

E entre ciclopes de águas paradas ...
Nos torvelineos de ondas envolventes ...
Na piscina, na banheira, em copo cheio
Deverei ver p'ra todo o sempre
O símbolo de um jazigo aquático
Soma de consoantes ... nove fora três ...
Soma das vogais ... nove fora quatro ...
Três mais quatro, sete ...
E setenta vezes sete
Longos anos viverei ...

Mesmo que não o queiram os astros.
Até búzios, quiromantes, cartas vou lograr,
Pois o Deus que me criou neste Universo,
Tem em seu nome números que somam três
Que é o mesmo valor do nome Tórtoro
Que acompanha desde o germe
O nome meu ...

Logo, tendo Ele como escudo,
E o três da perfeição a nos unir
Não há ciência astral que me convença
Que algarismos é que me estão a dirigir ...

Sou e sei, Divina Criatura
No ápice da crescente evolução,
Não há soma que me subtraia
A consciência do meu Deus Interior ...

Na matemática do Cósmico
Sou Homem ... tendendo ao Infinito ...
Sou uma grandeza sem medida,
Sou Templo de Deus, sobretudo.

No silêncio da minha orada,
Sou parcela ... estou nO,
E sou TUDO ...

Meia ... meia ... meia
Falsa o cálculo ... soma
Imperador de Roma ... Fera
Espera um pouco ... subtrai
Cai um zero ...vai um ...
Nenhum nome se exclui
Flui fértil a imaginação.
É multiplicação ... seis vezes seis
É trinta e seis vezes seis ...
Mais uma vez ... nada aparente.
O quociente por três é sete e dois
Setenta e dois ... dois mais sete ... nove
Noves fora ... nada ... ninguém.

Meia ... meia ... meia
Na teia do apocalipse a Fera
Se espera o anticristo ...
Malvisto na numerologia
O que um dia letras de seu nome
Some seiscentos e sessenta e seis ...
Leis místicas ... superstições ...
Elucubrações e magia
E na orgia de possíveis bestas
Entre sextas ... treze ... versículo dezoito
Afoito o homem viu Papa
Socapa de mente doentia
Que um dia vislumbrará a verdade.

Meia ... meia ... meia
Meia verdade é pior que uma mentira...
Atira longe chifres e dragões
Olha as multidões de agora
Viva sua hora ... seja realista
E uma pista se abrirá de pronto ...
Confronto injusto capital-trabalho
É um baralho de cartas marcadas
Em que humilhadas maiorias sofrem
Quem manipula vive muito bem...
Convém então pegar calculadora
E com pachorra encontrar as feras
Que nas esferas criam de uma vez
Seis ... centos e sessenta e seis casuísticos
Apocalípticos ... Decretos-leis.

PRIMAVERA

Se plúmbreas nuvens cobrem céu
E um véu de tristeza infesta o ar
Podem reparar ... não resta incerteza
Sem beleza ... não é a primavera.

Se a flor no arbusto não surgiu
E não se viu a abelha a rodear
Pode apostar ... eu apostaria
O novo dia ... não é de primavera.

Se o arco-íris não pousou no horizonte
Na água da fonte não refletiu sete cores
Pois sem pudores podemos afirmar
Neste lugar ... não chegou a primavera.

Se não gorjeiam pássaros nos ninhos
E encolhidinhos escondem a plumagem
Tome coragem ... grite bem alto ao vento
Este momento ... não é de primavera.

Se as borboletas não cruzam os jardins
Confins de bosques não tingem de aquarelas
Como seqüelas o bom senso já prediz
Infeliz logo ... não chegou a primavera.

Se os casais não se beijam
Não se desejam em arroubos de paixão
Toda razão tem aquele que porfia
Que aquele dia é de primavera não.

Se uma reza ou petição de um milagre
Agre humor deixa em fiel não atendido
Comprometido é arriscar afirmativa
Que na ativa está o Deus ... sem primavera.

Sem primavera o Universo é diferente
É como gente que perdeu inspiração.
A primavera é estação de alegria
É harmonia entre o inverno e verão.

HERMAFRODITA

No princípio faz-se a luz interior
E um homem viu sem olhos
Que seu eu não era um
Mas completava-se
No não-eu, na companhia.

Masculino e feminino
Iniciavam a Odisseia Universal
Da procura do complemento...

Androceu buscando Gineceu
Já no botão entreaberto
Brotando nos jardins do Éden.

Na busca, desencontros...
E nos desencontros, cresce a consciência do outro
Que se opõe a convergir em nós...

Translúcida substância etérea
Pouco a pouco penetra as relações humanas
E qual lente, o AMOR atua...
Faz-nos divergir sobre nossos semelhantes.

Perdemos-nos então no TODO
Como Hermafrodito nos braços de Salmácida,
E neste Olimpo de almas que se fundem,
Insólitas criaturas.

Reflexos das convulsões dos Deuses,
Assim como no alto, embaixo...

Assim como no Olimpo, em Terra
Trans-sexos vem surgir no mundo
Como sementes que o vento leva
Depositando-os entre nós... visíveis!!!

E assim visíveis não mais vulneráveis
Às agressões dos homens de rapina,
D'Almas míopes da Divina Engenharia,
Que se terceiro olho utilizassem
Muito mais desta existência aprenderiam...

Vislumbrariam na pseudo-anomalia
O que buscamos desde nossa criação,
Unir o homem à mulher numa harmonia
Fechar o ciclo iniciado em Adão.

MENTIRA

Mente humana ...
Mente. Humanamente ...

Incoerente com sua origem
Foge da fonte
Mentecapta.

Semente fértil germina
Mina bases da confiança
Avança ... se alimenta da maldade
Nem sente.

Amizade travestida
Corrida para o nada ... o Cão
Estirada ponte para a invisível ...
Punição.

Mente humanamente ...
Humana mente.

Indigente espírito ... dó
Nenhum Mestre induz a nada ...
Pó ... mergulha na escuridão
E sente no final
A solidão ...
somente.

FILHOS DA LUTA

Luta-se para nascer

Luta-se para viver

Luta-se para morrer

Luta-se sempre

Luta-se para tudo

Somos filhos da luta...

se isto é Ser ...

A luta que buscou

A luta que abraçou

A luta que amou

A luta que gerou

A luta que pariu...

isto que Sou.

XADREZ IDEAL

Numa ginástica da inteligência
Pensei ciência que é muito jogo
Joguei o jogo que é só ciência
E na ausência de melhor recreio
Do tabuleiro fiz o mundo meu.

Um Bispo preso a horizontais, colunas
Formando as duas do Criador a cruz.
Me seduz Torre, de guerra, ver extinta.
Distinta Dama ver andar restrita em frente
E somente obedecer prescrita lei.

O Rei não ser a peça principal.
Fundamental a liberdade dos Peões
Nas direções em que quiserem deslocando-se
E cavalgando o Cavalão... sem poder menosprezar.

As peças em mesmas alas, mesmas cores
Sem dissabores de tomadas "en passant"
Em são vivência... viver mútuas aventuras
Com aberturas... muito roque e canções.

Não mais defesas pois ataques inexistem
Não ter quem mate nem variante qualquer,
O que se quer é uma luta sem um xeque
É ter um leque de esperanças p'rá viver...
Jogar vibrante esta partida de xadrez.

BANDEIRA

Nos meus dez anos...

Tecido verde e amarelo

No círculo azul... tira branca

Muitas estrelas e escritos

E nada mais... são bonito.

Vinte anos...

O verde tornou-se esperança

E o amarelo... um tesouro

Estrelas estadas... no infindo

Pano agora é bandeira.

Trinta anos...

No exílio... fui brasileiro

Com saudades do meu País

E o tremular do... pendão

Lembrava a natura... Amazônia

Eu via meu povo... meu chão.

Quarenta anos...

De volta... os tempos são outros

Assumo... sou cidadão.

Querido símbolo da terra

Encerra imagens... ação.

Hasteada no exército...

Arriada no colégio...

Agitada nas Copas... nas pistas

Não é bandeira... é emoção.

Cinquenta anos... sessenta...

Setenta... não sei quantos mais...

Minh'alma tingiu-se de azul

Puríssimo... da cor do céu

E no corpo branco... de estrelas

Destacou-se o Cruzeiro do Sul.

Sinto a Ordem do Universo

O Progresso do meu ser

Tecido verde e amarelo

Faz parte de mim...

É meu eu...

JANELA

Quanta gente cabe
Num pedaço de janela...

Blocos sobrepostos formam prédios
Justapostos se contrapõem ao humano
Homens nas caixas... como fósforos
Prestes a arderem no calor da luta
Pela sobrevivência.

Perco-me no plúmbeo do céu
Tingido por nêgas de azul...
E branco... e luz.

Antenas e grades lembram campos
De concentração.
E as grades... quantas grades
Deixam escoar sombras
De prisioneiros que não o são.

Pousa na minha viva tela
Uma pomba... na janela
Saída talvez do pouco verde
Que resta no casarão
Do qual como de tudo em parte vejo
Mais escombro que favela.

Quanta coisa... e nada nela.
Tristeza de vida.
Triste
Olhar uma cidade... parar no tempo
Da janela...

BATIDA...

Na tarde de domingo tome copos
Prepare-se... apure o paladar
Uns seis gelos-baianos p'rã gelar
E curta as previsões dos seus horóscopos

Limão-de-cheiro à gosto e bem fresco
Pingaço escolha bem... pode assucar
O sol e o calor clamam um brindar...
E mecha à vontade em seu refresco.

Se pensa que tomou uma caipirinha
Engano ledô o seu meu caro amigo
Só fiz é com você brincadeirainha.

Apanhe um Aurélio e descortine
Que grande trapalhada fiz contigo
E brinde com um copo... de Martini.

AMOR DE CARNAVAL

Amor de carnaval
Aval da carne... glória
O ápice... loucura
Ventura transitória.

As cores e as plumas
De Lumas veste a rua
E a dona dos meus ais
Jamais a vi tão nua.

Que chama inútil o amor
Nascido em carnaval
Num átimo... momento!

Arco-Íris sem a cor
Instante assim... banal
Machuca e é tormento.

FLOR DO BRASIL

Mulata, como és provocante
No teu belo andar bamboleante
No teu rebolar virginal.
Nas ancas tens o balouçar
Do barco no verde do mar
Que voga ao sabor do terral.

Se vais pelas ruas, faceira
Cheirando à flor... laranjeira
O mundo reveste a alegria
Até mesmo o sol pavoneia
No galho um canário gorjeia
Cidade agora é poesia.

Nos pés arrastando o tamanco
Cativa o crioulo e até o branco
Não deixa de te assoviar.
Os brincos de argola na orelha
Vestido de chita vermelha
Faz todo o comércio parar.

Rainha na tua favela
Irmã gêmea de Gabriela
A quem Jorge Amado exaltou.
Na escola de samba que é tua
Portando o estandarte, na rua
Só tua beleza abafou.

As louras p'ra ti não são páreo
E não te querer, só um otário
Tão linda jamais alguém viu.
No mundo não há quem te vença
E engana-se aquele que pensa
Mulata existir só no Rio.

HADJI

Hadji que as distâncias vai vencendo,
Entre as dunas do deserto se perdendo,
Sozinho numa calma imensidão.

Hadji que leva no peito arfante,
Sob um sol enorme e escaldante,
Toda a fé de seu coração.

Não sente no rosto o ar quente
Não há distância que o atormente,
Ele vai à Meca orar.
No pensamento leva amor, esperança,
Espera um dia viver na bonança.
Vai à Meca p'ra Alá adorar.

Sopra o Simum no deserto.
E o Hadji cada vez mais perto
Se encontra do seu Senhor.
Então ele aumenta o passo,
Já não sente mais o cansaço
Não lhe importa mais o calor.

Também eu o passar dos anos vou vencendo,
Entre as agruras da vida percorrendo,
Vivendo na solidão.
Também eu levo no peito arfante,
Sob uma sina cruel, troturante,
Muito amor que guardo no coração.

Não tenho alguém que me ame e acalente
Mas nada há que me atormente
Eu só vivo no mundo a cantar.
No pensamento levo esperança,
De ter um dia a bem-aventurança,
De ter alguém para amar e adorar.

Vive em minha porta a desgraça,
Mas com o tempo a esperança não passa,
Cada dia estou mais perto do amor.
Então luto com toda a firmeza,
Sinto da natureza a beleza,
Na existência vejo uma flor.

Sou Hadji no deserto da vida,
Não busco uma Meca querida
Busco a terra onde não existe dor,
Eu não vou adorar Maomé
Pois já tenho outro Deus, outra fé,
Meu destino é a cidade AMOR.

DOAÇÃO

A flor dá o mel... nectar
A abelha o leva à colméia
Epopéia existencial composta
Que o tempo gosta de ver repisar.

O mar dá o sal... o peixe
O pescador o leva ao lar
Encrespar-se resta aos oceanos
Por muitas eras ver-se arejar.

Deus dá seu Filho... o Cristo
E o Homem o leva à Cruz
Reduz o carma da Humanidade
Mas da Verdade ao encontro não conduz.

O homem dá seu sangue... plasma
Fraterno ser já moribundo o sorve
Então os envolve a aura resplendente
Que torna a todos um em comunhão.

Nestas ofertas Cosmicas de vida em esperança
Homem e mar, abelha e flor, Deus e o Filho
Maior provança de amor não há no Astral
Transcendental... verter o sangue em doação
Pois quem o faz dá de sua vida pelo irmão.

GUERRA SANTA

Homens esquilidos... comendo luz
Na cruz da fome... empalutados
Atrofiados membros... corpos nus
É frente... é guerra... santa
Em que se agiganta a ânsia de viver.

Frotas navais, tropas, concentração
Na mão a rosa... amor nos corações.
Porta-aviões despejam... pétalas
Aéreas bases são silos, pós transformação.

Milhões de homens, soldados nas fronteiras
Nas algibeiras mensagens de esperança.
A bonança permeando os movimentos
Dos mantimentos que abarrotam caminhões.

O Mundo todo liderado pela ONU
O nú dos corpos se propõe a recobrir.
Um expedir de muito pão... e paz
Relembrar faz da Bíblia o maná.

O gás que cobre o campo de "batalha"
Mortalha eterna dos ódios e rancores,
São os odores de Sândalo incenso... incrível.
Intenso... cálido... harmonizador.
Na cor do céu um cogumelo... comestível.

Vencida a luta contra toda a miséria
Como uma artéria exércitos levando vida
Não dão guarida àquilo tudo proibido.
Jamais repousam... mesmo gloriosamente
Como o silente soldado desconhecido.

VOCAÇÕES

Ceia de Da Vinci
Sem Ele ... sem nada
Ninguém dá tostão
Nem pão.

Igreja sem Padre
Sem guia... na estrada
Comunidade com medo
Falta de vocações.

Sermão da Montanha
Sem Mestre... só monte.
Perdidos na multidão
Sopra um vento...

Diocese sem Bispo
Há risco... sem rumo
Resumo de espiritual caos
Naus sem porto.

Paixão sem o Cristo
Visto o luto... só pela cruz
Humanidade sem perdão
Perdição... eterna.

Mundo sem Papa
Mapa sem pontos... cardeais
Nos anais da História
Inglório Homem sem Amor.

Triste universo sem Pastores
E Sacerdotais Invocações.
Sermões mudos... velas caídas
Cálices sem Vinho... pátenas sem Pão...
Altares violados... Paulo...
Caídos Templos... sem Deus.

ANIVERSÁRIO

É como o primeiro dia
Alegria de sair de casa... do útero
Recebemos primeiro abraço... tapa
Abrimos olhos... sentimos amores
E as cores das coisas se transmutam.

Beijos, mensagens... escritas ou orais
Não mais que instantes... mas eternos.
Sensação de sermos amados... aceitos
O peito reage arfante... é bom.

O som dos risos... os perfumes
São flores... do quarto que nos viu nascer
Vemos de novo o iniciar de um ciclo
Mais um de muitos que fizemos tecer.

Um bolo... toca o fone... embrulho
Todo o barulho do parabéns a você
É um bem querer... é alegria íntima
Que com o novo dia reflete novo ser.

OLHOS DE CÃO

Nos olhos do meu cão
Duas estrelas
Nem Prócion nem Sírio
Só janelas... galácticas
Aberturas que revelam alma
Que acalma e faz pensar...

Nem a Sudeste de Orion
Ou este de qualquer Constelação
Meu cão não é menor
E nem maior
É amigo que fica ao meu lado
Que late ao coração.

A cauda balança conceitos
E um respeito existe entre nós...
Criatura impar de Deus
De fôz a fora a afetividade
Permuta com os filhos meus.

O único ser que cruzou a fenda
Diz a lenda, após a expulsão,
Que do paraíso separou a Eva
Acompanhada de Adão,
Meu cão é um elo que existe
Comigo desde a Criação.

E o Criador Supremo
Que permitiu esta união
Se num dia de "onicanção"
Acabasse com sua Produção
Para não ficar sozinho
Guardaria para si... onisciente
Um CÃO.

DÍZIMO

Se das águas não dispuserem represas
E na ímpia avareza impedir caudal,
Será qual homem que às riquezas
Não dá nobreza aplicando-as mal.

Dinâmicos fluídos energias geram
Povos prosperam com as aplicações
Assim são dizimos que aos céus doados
São transformados... ganham dimensões
Em missa se transmutam na verdade
Fidelidade, misericórdia e justiça.

Doar primícias por graças hoje nos cabem
Sabem os Mestres é buscar Reino de Deus
É dar aos seus em pastoral opção
Magistral forma... de participação
Expressão forte de Comunidade
A Unidade buscando salvação.

Se cada dia no recôndito do lar
Em oblação se refletisse por momento
Depositando em silêncio seu quinhão,
O provimento de doar certa quantia
Muita alegria dar-lhe-ia em galardão.

Seja um por cento, dez por cento, não importa
O que abre as Portas é dar segundo o coração,
É ter noção de que a alma generosa
A dadivosa Mão Divina amparará.

É como os peixes e os pães que Jesus Cristo
Que de imprevisto alimentaram multidões.
São condições que o doar, na existência
Faz da indigência manancial de fartura...
Grande ventura é viver em Comunhão.

JOGOS CÔSMICOS

Alfa Centauro
Constelação focal da bondade humana
Século XXXI da Era Cristã...

Homens-Deuses arremessam,
Com força mental,
Amor fraterno sobre o Universo...
E as vibrações cósmicas
São transmitidas pelo éter
às Galáxias distantes,
Que envolvem-se,
Em tênues nuvens azuis, cintilantes...

Nas argolas da esperança
Jovens em alvas vestes se sustentam,
Enquanto em paralelas e traves,
De futuros que se encontram,
Sutis corpos executam um bailado
Em harmoniosa interação.

Nas águas puras de uma fonte,
Manancial de lágrimas vertidas no passado,
Etéreos seres flutuam,
Em busca da infelicidade
Que não existe mais.

O único esporte coletivo é a canção,
Onde grupos entoam louvores
Que se elevam às altas esferas,
E os quais se completam
Como em sublime oração,

Nas corridas, os corpos não se movem,
Somente as almas, buscam
Chegar primeiro à perfeição,
Saltando obstáculos,
Repetindo voltas, ciclos...

No pedestal, os fracos sobem antes
Pois os mais fortes sabem seu valor...
E as medalhas são línguas de fogo...
O Santo Espírito
Pousa em cada um.

E estes jogos não terminam nunca...
A Sinfonia Cômica 3000...

Na pira olímpica arde o Fogo Eterno
Javê, Supremo...
O Ser Onipresente...

Soam clarins... revoam querubins...
O Símbolo dos jogos surge no Infinito...

É uma Cruz do Cristo, o Nazareno
Que ora vazia, sem antigo Martir,
No cruzamento do madeiro trás
Raio de luz, de vida e amor...

O raio nasce de uma simbiose
Matéria-Espírito em ampla comunhão
Nesta Olímpíada não existem povos
O Mundo todo forma UMA NAÇÃO.

EQUILÍBRIO MÍSTICO

Não há amor
Sem o ódio, a contrapartida.
Nos episódios do escoar da vida
Só há amôdio ou só ôdimor...
Conciliação.

Não há vida
Sem a morte... o fim... a despedida
E nos meandros do nosso destino
Só há vidorte ou talvez morida.
Estado intermediário.

Não há o belo
Sem o feio... o algo incompleto
Veja Vênus... tão bela de Milus.
Só há o beio ou quiçá os feilos.
Estética.

Não há o grão
Sem o Universo... o Cosmo
E o inverso é simples conclusão.

Refliço... repenso o conflito
Imerso em mim... extático
E vislumbro Unigrão... grãoverso
Tudo está em tudo
Tudo muito claro... vítreo.
O Cósmico em movimento
Equilíbrio místico.

O EXCEPCIONAL

Sombras do palco do Universo paralelo
Como elos a unir-nos ao Senhor
Excepcionais... quais flores neste mundo
Com ardor profundo esperam nosso cultivar.

Só muito amor... muita sensibilidade
Uma verdade poderá nos revelar...
Estes habitantes de algures são mensagens
Cujas imagens algo tem de singular.

Por sermos pouco assim também tão pouco vemos
Não entendemos esta peça teatral... Divina
Nada ilumina nossa vil inteligência
Cuja indignância não percebe a mutação.

Fantoches de um Deus que os anima
E cuja sina é serem cruz de seus tutores
Os seus andores ficam leves quando cremos
Que o Nazareno os ajuda a conduzi-los.

Mas eis que um tempo novo se aproxima
E acima a Última Porta vai se abrir
E sair por esta arcada então serenos
Todos veremos... os artistas principais.

Em corpos belos... perfeições astrais
Os muitos ais... segundo sopra os transmuta
No fim da luta terminada em Unidade
A Humanidade honrará os seus atores.

ABRIGO

Eu vivia sozinho... ninguém para amar.
Chegou devagarinho como primavera
Seio aquecendo inverno que d'antes eu era
Vida... poucos amores... veio Ela mudar.

Trouxe-me paz na lida e levou a tristeza
Fez-me curtir um chope, amargo em falta Dela
Levou-me ao carnaval, vestido de aquarela
Deu-me dois lindos frutos, tornou-se Princesa.

Enfim Ela é meu tudo do nada que sou
Oásis no deserto, anjo que encarnou
É tempero, dá gosto, é sal e é sol.

Amor transbordou Cósmico ... encontrei abrigo
A Luz, se há, está... para sempre comigo
Solteiro, a vida boa... casado é de escol.

FELIZ ANOS-LUZ

Foco da elíptica mesa Cósmica
Em rica e triunfal alegoria
Um bolo em Via Láctea lança velas
E em caravelas os planetas se transportam.

É a Festa da mais bela criatura
Que a natureza ao Ser Supremo deve a vida
A escolhida Nave Astral em que habita
Em sua desdita o mortal Filho de Deus.

Parabéns a você Planeta Terra
Que encerra em seu azul tanta magia
Neste dia de Abril, abra seus braços
E em regaços comemore os anos-luz.

Sinta o seu dia, apesar do desconforto
De ter um porto todo cheio de petróleo
E abra os olhos em meio à poluição
Ouça a canção de um atômico espocar.

Fique vermelha, queimada ... macro-velinhas
Com as regalias em raios ultra-violetas
Que as gretas no ozônio deixam ver.
E pode crer ... muitos anos vai viver.

O Pai é bom ... a natureza resistente
Falta somente um pouquinho de amor
Pois o calor de humanos corações
Nesta Astronave farão mil Revoluções.

POÇOS DE COTIA

Em Cotia reuniram-se poços
Renovaram-se esforços rumo à integração
Na mão o cavaquinho ... violão.
A recuperação paralela
Foi paralela ...
E para ela houve sugestões.
As refeições foram fartas
Atas não previam coral ... nem expressão corporal.
Diafragmas arriaram ... "brasinhas" orbitaram
Nas entrelinhas muito amor
Da cor do livro de anotações banais
Os ais ante o professor ... de comunicação.
Um diapasão vibrou ... ao ouvir o fone
Insonne alguém aguardava o casamento.
O momento fez amigos ... invisíveis.
Na homília o Jesus por vir
E o sorrir de um bebê ... no ventre.
Entre uma proposta e outra ... de avaliação
A discussão ... a numerofobia
A alegria ... a confraternização.
Entre um Glória ... sem glória
E a história que cada um contava
Perspassava um clima de união.
Ao som dos pássaros ... sonecas e risadas
Canastradas ... as Irmãs ... os chás
A Paz ... a comunhão ... o vinho.
Enfim ... o começo implícito no fim
O sim de todos para uma Proposta
A resposta ao Chamado ... chovia.
Emocionado despedir ...
O partir para mais um ano que surgia
Banhado pelas águas ...
dos Poços de Cotia.

(Lembrança da reunião pedagógica realizada em Cotia no
final de 1990, com a presença de professores e Direção
do Instituto Santa Úrsula).

POSSE

Anos oitenta ... milhões subimos rampa
E a campã cobriu um corpo ... sonhos
De Tancredo.
As lágrimas lavaram faces
E rapace a morte
O consorte de um povo conduziu.
Medo.

Cinco anos ... sinto tristeza
Com nobreza vislumbro
A imortal imagem ... de um Neves
Que em leves brumas perpassa o funeral ...
Cortejo.

O que veio de São João Del Rei
Do qual chorei a perda repentina
Antecedeu a sina do que vejo agora
Cujo desejo de acertar fascina ... é hora
De Collor.

Milhões sobem a rampa ... anos noventa
E se estampa em nós a esperança
Sorrisos cobrem semblantes ... emoção ...
Como antes voltamos a sonhar
E namorar o escolhido ... o líder
Reencarnação.

Tantos anos ... sinto vontade
De Verdade ... de viver ... sorrir
E percorrer com um vindo de Alagoas
Cantando loas, os destinos do País.
Revir.

O que veio da Casa ... da Dinda
Não faz ainda o que prometeu
Mas devolveu a todo brasileiro
O derradeiro acreditar no eu ...
E ser.

Tudo parece uma antiga história
Que a memória de um Deus presente
Onísciente a reescreveu.

QUASE OLIMPICUS

Quasímmodo das Américas
Nosso esporte emudeceu
Ficou atrás nas braçadas
Perdeu nos tiros que deu ...

Olímpicos heróis canarinhos
Aos Anjos se arremessaram
Kamicases sem futuro
De um país poucas pratas e bronze ...

O saque Bernard ... viu estrelas ...
Tiro ao alvo ... o espaço ...
Basquete ... na cesta (de lixo)
No remo foi um fracasso ...

Choramos pontos perdidos
Explicamos esforço não feitos.
Geralmente, no podium dos fracassados
Ouvimos Hino quase intocado.

Nos muitos milhões, em ação
Paralizada pelo susto,
Uma vontade tremenda urgia
De gritar JÁ ANISTIA!!!

Chega de ser colônia
De ser servido às feras
Que não contentes com o ouro
Nos tiram honra e alegria.

Abaixo estrelas do SAM
Cansei-me da apatia
De um país que se quase,
Medalha fosse,
Míl medalhas ganharia...

Quase ganhamos no tiro,
Na ginástica, na natação,
Quase no nosso vôlei
Quase na equitação.

Mas quase ... não me contenta ...
Quero mil JOAQUINS-OURO-CRUZ ...
Não sou QUASE BRASILEIRO.

REFLEXO DO ZODÍACO

Projetei-me no espaço do espelho
E vi o invisível
Aos olhos desatentos... carnaís.
Navegando em magias
Vi Áries encimando Touro
Mercúrio sobre Vênus,
Impulsos e energias... astrais
Levando pensamentos à música,
Pintura... escultura
Artes... astrológicas...
Ladeando o peito, Gêmeos,
Que se cruzam no Leste.
Bate um coração em Leão
No alto de Sagitário
Onde coloquei meus tesouros... emoção.
Urano, prático
Em vão procura visões
Mundos imaginários de Netuno.
No interior, Libra filtra... sensações
Câncer digere... rumina sonhos
E Virgem recolhe... decepções
Sustentados por Peixes
E Capricórnio.
Marte circula
Nas águas de Aquário
Tendo como Juiz de jornada
Saturno que torna possível o bem...
Ou o mal.
E no espelho do espaço
Meu reflexo...
E no plexo
Júpiter... impressões Cósmicas.
A Lua cheia... racional
Acorda o transe crescente
E a vitalidade solar contagia.
No homem cercado... limitado...
Chovem raios de poder e fantasia,
Um banho de constelação
Prazer místico... puro... sublime
Não de Escorpião... mas de alegria.
Respiro Vida... Luz... Amor
Sou parte do... e o próprio Universo
Centrado em Deus,
Meu Sol e Senhor.

MOEDA

Collor
Coloridos
Verde-amarelo ou vermelho
Colocação de idéias ... vazias
Colocutores hoje mas amanhã... talvez
Coloidais programas
Colôdio?
Coloquiais discursos
Sob color de mudança
Seguiremos colonia ...
Colorado ...
Colorau ...
Firulas ...
Lula
Lula ... Collor coloreado
Collor... Lula molusco,
Que mudará de cor conforme o ambiente ...
PC, PD, PT, PS ... Pedantes.
FACES da mesma moeda.
Ledo engano, engodo
Qual diretas-já.
Colossal equívoco
Qual "revolução" dos anos sessenta.
"Sans-cullotes" brasileiros
Cujo fim a história já mostrou.
Cara ou Coroa ...
A sorte está lançada.
E qualquer que tomar a coroa
A cara será a mesma.
Mais cinco anos após tantos cinco anos
País com cara de Copa 90
Que fará mais uma vez o circo.
O circo e pão ... com hiperinflação.
Mesma classe dominante,
Mesmo povo dominado ... alienado
Um povo dividido
Entre um Collor aqui
E um Lula lá.

BOXES DOS FATOS

Passado e futuro fundem-se
Na crista de acontecimentos alucinantes.

No limiar da década
Enfrentam-se ... confrontam-se.

O mundo na arquibancada.

Cantam-se hinos

Apresentam-se os fatos ... mitos ... bandeiras
Soa o gongo ... dobram os sinos.

Vendidas todas as cadeiras.

O Juiz impassível ... onipresente
Conhecedor do final ... aguarda
Guarda baixa ... espera.

Primeiro assalto ... de muitos ...
Cai Gorby no mundo político
E Lênin dêle ... glasnost.
Abala-se o comunismo russo ... crítico.
Levanta-se o sonho de Paz duradoura.

Segundo assalto.

Cai o regime polonês ...

Levantam-se Trabalhadores da Terra ... um sindicato
Da Solidariedade nato.

Terceiro assalto.

Caem as cercas farpadas na Hungria.

Levanta-se o véu da liberdade para milhares
No Leste Europeu ... atônitos olhares.

Quarto assalto.

Cai a ditadura Tcheca.

Levantam-se os ideais da Primavera ... de Praga
Idéias ... dragas.

Quinto assalto.

Cai um povo inteiro ... tanques ... chacina
Massacre na China.

Levanta-se a consciência ... democrática.

Sexto assalto.
Cai Stroessner ... em berço esplêndido.
Levanta-se a América Latina
De veias ainda abertas ...
Sinas incertas.

Sétimo assalto.
Cai o muro ... luz no escuro ...
Levanta-se o sonho da unidade alemã
De um novo amanhã.

Oitavo assalto.
Cai Ceausescu ... poça de sangue.
Levanta-se o Romeno ... vingança ...
Povo exangue.

Nono assalto.
Cai a resistência do branco.
Levanta-se o negro da África do Sul
Nos braços de Mandela.
Aquarela.

Décimo assalto ... incrível
Cai Tyson ... o invencível.

Número quântico de estranheza ... incerteza
Quantas quedas mais ... ao infinito.
Cai ... cai ... cai ... aís.

Fim dos oitenta ... alfa ... noventa
Fim do século
Fim dos tempos ... sombrios
Renascer de um novo
De Aquarius.

A CATEDRAL

Nos vitrais os últimos raios de sol...
Os corações abrigam as derradeiras esperanças
De ser hoje um dia melhor...

Alguns entram ali como por engano
Passam pelas imagens os olhos perdidos
E como cruzando com estranhos
Atravessam da Catedral a nave
Numa forma de encurtar caminho.

Por mais um dia de decepções e angústias
Com o olhar parecem agredir os Santos...
As estudantes pedem silente a ajuda
E a namorada espera ajoelhada
O amado sempre amante que logo vai chegar.

Beijos nas alvas toalhas... mãos sofridas nas imagens
Orações sussurradas apressadamente.

Um chute no banco

O ruído estronda, ecoa, ecoa, ecoa,...

E atinge a alma do trabalhador

Que exausto vem cumprir um ritual

Ao oferecer a Deus mais um dia de labor.

A criança procura o Sinal da Cruz

E num amontoado de cruzar braços

Se empolga e resmunga... talvez oração.

O pai num gesto rápido e nervoso

Põe-se de joelho quase beijando o chão.

Um tilintar... era este o objetivo

A medalha do pescoço toca o bronze... e ele se ergue.

Grito angustiano, seguido de resmungos

E num amontoado de trapos

Aparece no portal do Templo...

Banha-se literalmente na água benta

E arrebenta o peito num gemido longo...

Percorre Imagem por imagem... Via Sacra...

E em cada uma deixa a prece rouca...

Diante do altar imobiliza-se
Curva os joelhos em genuflexão
E chora...
Uma sineta... as luzes... século XX
Um guardião da Sinagoga surge
Rapidamente se aproxima dos farrapos.
Gestos rudes... agride... empurra... em silêncio.
E mais uma vez Ele não é reconhecido.

TIRAS

Vila ... Rica? Ouro? Preto.
Um Joaquim ... um José ... ironia.
Capitania de Minas.
Tira ouro ... tira liberdade.
Barbaridade ... Barbacena
Em cena a Coroa Portuguesa.
Tira esperança ... tira futuro.
Tempo duro ... tudo para Lisboa ... a sobra é pouca
Rainha é Louca.
O quarto dentre sete é Alferes ... mineiro
Tropeiro ... minerador ... soldado
Deserdado ... da sorte
Viu-se herói, Rio ... de Janeiro.
Julho, Jefferson ... Independência ... dêles
Cartas ... Chilenas ... povo em submissão
Opressão ... Derrama... lágrimas
Amanhã é batizado
Tira o fado... tira o medo.

Inconfidência ... vale a imprudência dos mazombos
Estrondos ... rombos ... devassa
Caça ... Maciel ... Rolim
Parece o fim ... a poesia independente naufraga ... divaga
Gonzaga ... Peixoto ... Claudio Manuel
Cruel ... dar a vida ... a única
Não ter dez ... no patíbulo.
Esquartejado ... Credo ... reza
Como Cristo! ... por sedição punido
Onze e vinte ... único de trinta e quatro
Quadro de Pedro Américo ... em pedaços ... encena
Tira as penas dos, tira fora os ... demais entes
Fica ... TIRADENTES.

FALTA

Quanto ainda falta
Para o mês se transformar salário
E no desvario desta dança louca
Com a voz rouca eu poder calar
O som sem par da dívida não paga?

Quanto ainda falta
Para o início da aposentadoria
A fantasia que eu talvez não viva
Mas que cativa, enche o coração
E como mão afaga meu sonhar?

Quanto ainda falta
De sofrer com as dores de parentes
Dos ausentes sentir saudades
E nas idades quantas lágrimas e perdas
Pelas veredas da existência ainda estão?

Quanto ainda falta
Para o povo ter o País que merece
E que a prece de cada um ... cada dia
Com alegrias seja só ação de graças
E a desgraça não mais seja companhia?

Quanto ainda falta
Para o Homem encontrar a Unidade
Na Verdade do Caminho encontrar a Vida
E na corrida para a iluminação
Ter a visão de que ... nada falta?

NA TEIA

Olho ...

E o que vejo são desejos
Ligados e entrelaçados,
Intercalados entre vida e morte
Sem terem sorte definida ainda ...

Vejo ...

E o que sinto são olhares longe,
Iluminados por um sonho lindo,
Entrecruzando-se em uma dança louca
Tendo na boca uma interrogação ...

Sinto ...

E o que penso é que sou um elo,
Neste mais belo balouçar da vida,
Que na saída já tem seu final.
O fim no Ômega ... lembrei Teilhard.

Penso ...

E o pensar é que me deixa triste
Uma tristeza da constante angústia ...
É a angústia de um esperar
Por um futuro que tarda a chegar.

Choro ...

Na ânsia louca de saber de tudo
De como um Deus, e num momento louco
Sentir do Cósmico suas leis maiores,
Mesmo que após ... só reste a escuridão ...

EU VI PRESLEY

Eu vi ... nos anos sessenta
Um mito do Mundo
De Memphis.
Faço quarenta ... hoje ...
Ouvindo a música
Vejo o ser ... sonho um sonho
Sonhado por milhões.
Cento e trinta discos de ouro...
E choro a ausência ... de um tesouro.
De uma ponte sobre águas tortuosas.
Rosas ... amor ... Nashville ... RCA
E o que será ... de energia
Onde estará ... no Cósmico ... o Homem.
Rock ... baladas ... magia
Quem sabe um dia, outro virá,
Mas não será o mesmo
De Tutti Frutti ou Dont't Be Cruel.
"Balada Sangrenta" ... o filme,
Cruel realidade ... a vida
Na minha juventude ... perdida.
Como "Feitiço Havaiano"
Não me deixa a imagem ... a miragem
Do ídolo ... do imortal ... do sempre
Daquele que sucumbiu ...
Sob o peso do sucesso ... ruiu.
Trouxe felicidades ... deixou saudades ...
Apago a luz ... a dêle não se apagou.
Fecho os olhos ... ligo o tape ...
Na alma vibrações ... suaves ... sutís ...
Da voz do eterno
ELVIS ... que vi ... vi

A CEIA

Naquele rosto sexagenário
Talhado pelo tempo e
Pelo amor no Cristo
Senti brotar novamente uma emoção.
Aquele irmã ursulina
Dedicada existência a SERVIR
Transforma-se diante do altar
Ao manipular sagrados objetos.
Uma inocência de menina
Pura como o cálice que transporta
Toma conta do seu semblante
E como d'uma aura ela se recobre.
É algo indescritível o que sinto
Ao vê-la nestes momentos.
Cristo presente no altar
E a serva fiel ao Seu lado.
Ao receber o Corpo de Cristo ...
Junto com o rubor que lhe sobe ao rosto
Sobem aos céus as orações dos fiéis
Crescendo em nós o respeito por ela.
Recebido o Pão da Vida
Cristo em nós, nós com Ele
A nossa irmã estimada
Está ali bem perto do Pai ...
Com certeza hoje posso afirmar:
Se na ceia de Da Vinci houvesse
U'a mulher servindo Cristo
Outro nome ela não teria senão ...

CATARINA

(Homenagem à Irmã Catarina, responsável pela sacristia
da Capela do Instituto Santa Úrsula).

POEIRADA

Pó atômico de Hiroxina
Em cima de tudo a bruma ...
Se arruma a poeira no ar levantada
Saturada civilização ... tecnologia
Melancolia do ser andróide
Perdido em Freud ... Nietzsche ... Marx ...
Por entre fax e digital orgia
A alegria nebulosa levita hiper-real
E hedonista moral domina informação.

Pó ... sedução na TV ... na arte desestetização
Desreferencialização do real ... à tudo não
Desubstancialização do sujeito ... ecletismo
Niilismo ... falta de opção ... não tem jeito ... agonia
Micrologia do cotidiano ... êxtase ... chip
Sujeito blip ... vivemos semi-urgía
A semiologia é modismo ... tudo é simulacro
O sacro altar do consumo é o shopping
Doping de um homem narcisista.

Pó ... purpurina ... circuito integrado
Com desagrado em tudo vejo um des
Tudo se desfaz ... se desenche ... flutua no indecível
Inaudível o apelo à coerência soa
Revoa demônio terminal ... renovador ...
Anjo anunciador cria estilos
Intranquilos ambientes ... muito charme
O alarme é referência ... sem referente
Tudo está diferente ... vira pó ...
É pó ... é pós ... pós-modernismo.

Pós ... vaporizam-se princípios, regras, valores ... a arte
Em antiarte se transmuta ... tísica ...
A patafísica ... soluções imaginárias ... ridículas
Em partículas divide a estrutura social
Até que afinal baixa poeira ... alguém vislumbra a Luz
Daquela que conduz ... até nas trevas
As levas que perdem-se nas transições ...
O Deus de nossos corações.

SEMÁFORO

Vermelho...
Parece espelho
Por todos os lados
Olhos arregalados
No vermelho... do semáforo.
Rancos de motores... tensão
Ilusão de que o tempo parou.
Vou... não vou... segura na embreagem.
É a imagem dos nossos tempos.
Ante eventos paramos... olhamos
Viramos Narcisos
Indecisos diante da luz
Que nos conduz à tela da TV
Na qual cada um se vê... ideal
Qual homem primitivo diante do fogo.
Amarelo...
Amar... elo... ilusão
A impressão de estar ligado... vivo
Convivo com possibilidade de ir
De decidir meu rumo... sair
Partir em busca de Narciso ou Prometeu.
Serei eu para o mundo ou para mim...
Enfim... para onde vou eu?
Verde...
Ver de perto... fascinante poder
Ver de longe...
Ver penetrando infinito...
Ver além do mito... reflexo do real
Real do reflexo fica sem nexos
Apesar do meu sexo... sou outros
Outros sonhos... superego... incitações heróicas
Olho e cérebro... unicidade de um instante
Que hesitante brilha como estrela cadente
Transcendente... essencializo minha humanidade
Vejo o caminho da verdade... é fato
Engato a marcha... marcha.
Macho... sigo a vida... não olho aparelhos
Espelhos de minha própria imagem...
Mensagem verde... sigo até outro vermelho
Para ver melhor
Ver... e tentar ser.

OBJETIVAÇÃO

Eu vi ...
 alvas vestes
Branco que se movia ...
 na multidão
Pés descalços ...
 na solidão
Visão no meio-fio da rua ...
 no asfalto
No alto a luz ...
 do sol
No rol de estranhos rostos ...
 mais um
Cabelos ralos ...
 como a barba fina
Na sua sina flutuava ...
 olhos cerrados
Desafinava no movimento ...
 estava só.
Sem dó ...
 passei.
Eu vi ...
 alvas vestes
Nas costas barro ...
 e sangue
Exangue ...
 nos braços tremor da convulsão
Ação da AIDS ...
 talvez não.
As fezes ...
 amarelavam o tecido
Nenhum gemido.
No alto a luz do sol ...
 para todos como sempre
No ventre o plástico ...
 da sonda.
Corpo rondava fétido ...
 suava

Exalava suor ...

sem lágrimas nos olhos
Perambulava sem rumo ...

Com dó ... estava só.

Eu vi ...
passei.

Alvas vestes ...
nem só alma

Nem só corpo.

Alvas vestes ...
nem anjo

Nem porco.

Objetivação da dualidade humana ...

na criação.

E só ... chorei.

ALVO

Fervilham reflexos
No plexo do rio
E frios lampejos em setas
Como metas
Escolhem pontos em mim.

Aspiro em busca de energia
E a magia de efeitos especiais
Os vendavais dirigem ...
E à vertigem que me toma
Se soma o calor do sol.

As pálpebras se buscam
Ofuscam a lateral visão
É a ilusão de chuva de cristal
É magistral ... a realidade desacata ...
Banho de prata lavando a alma.

E no mergulho consciente
Da mente no âmago da natureza
Pela abertura dos reflexos do rio
Eu desafio os abismos ... e procuro
O obscuro gênese do Eu.

REVELAÇÃO

Entre uma quarta de cinzas
E as cinzas de um sábado ... de aleluia
Na solidão e no silêncio medito
E contrito cumpro penitência.

Da minha existência
Ventura suspensa sob o olhar de Deus
Os dias meus coloco em evidência.

Realidade é dura ... alta inflação
A fome... a agressão ... o desamor
Sangue inocente no Cósmico Graal.
O atual contexto na verdade
É obra de homens, não da Humanidade.

Mergulho nos fatos ... nos atos
Pássaro mergulhador de Bhagavad-Gita
Meu ser se agita
Penetro ódios, rancores, guerras, mentiras
Captando da realidade a luz.

Fulgor impressiona a película ... d'alma
E a conduz ao coração ... câmara escura
Imagem pura, invisível ... revelação
É feita a fixação ... com Amor.

E ei-lo ... o Futuro ... do Homem
O clímax da Humanidade
A claridade que há por detrás
Da nossa atualidade ...

Não mais dilúvios de misérias ... chamas
Nem dores e rasgar de entranhas
As íngremes montanhas cedem às suaves planícies
Que trilho ...
As trevas dão lugar ao brilho.

Nada mais é absurdo ... tudo é digno de respeito
o hoje é o negativo
De um positivo perfeito ... que se deseja.
Simples revelação ...
Assim seja!

D.O.E.

Abro o jornal de todo dia
Orgia de letras para o obscuro
E procuro pela Educação ...
No meio da Habitação, Administração,
Social Promoção e outros aos sem fim
Enfim Seção I ... página nove
Secretaria que não se move
Entre saúde e agricultura ...
Atolada em loucura de decretos, artigos, atas
Datas e parágrafos e despachos e portarias
Reuniões de diretorias em pauta ... retificação
Tudo em nome da educação ... integral
Total resolução comunicada, por relações
Inscrições em tabelas e editais
E mais atos e pareceres e barras e recursos
Avisos de concursos e processos protocolados.
Por todos os lados acórdão, leis e convocações.
Bem-aventurados setores da educação ...
Pedidos homologados em gabinetes, departamentos
Validade de julgamentos, balanços e extratos
Candidatos e números e notas e conceitos
Mil efeitos de cláusulas, votos, declarações ...
Emoções constantes nas deliberações
Nas ações de contratados e contratantes
Nas estonteantes, monótonas e sem final
Verbosidades do Diário Oficial ...

FAMÍLIA

Para a criança é nau segura
Onde a doçura dos pais é aconchego
Cais de sossego ... noite inspira paz.

Para o rapaz é equilíbrio
Que ludíbrio da sociedade assusta
À custa da imaturidade.

Na maioridade é realização
Afirmção como homem ... parte
Destarte socialmente integrado
Maturado ... pleno instrumento de Deus
Que junto aos seus ... filhos e filhas
As maravilhas colhe da existência.

Na velhice pós vivência ... dores ... aflições
Recordações de um tempo que passou
Do qual restou só a fiel consorte ...
É passaporte para eternal descanso.

Para os que ficam é um grande exemplo
Se transfigurado em Templo foi o antigo lar
Amar ... lutar ... estar na sociedade
Primar pela unidade ... é essencial
Primordial célula de um corpo místico
É a família ... Pedra Fundamental.

HORACIU'S

Nenhuma tragédia humana
Nem lágrimas ou desespero.
Só tempero, sal grosso e salivação.
Nenhuma dúvida existencial
Sobre valores gastronômicos
Da cármica condição.

Nenhum mistério entre o céu
A terra ... e o prato.
Nada igual se faz no Reino
Da Califórnia brasileira,
No trato cordial.
E sensível neste palco
Onde representa das noites todas elas
O nosso Horácio ...
O das costelas.

Poemas fumegantes
Cálidos ... de enlouquecer.
Aroma ...
Que Roma de Horatius
O Quintus Flacus
Nunca virá a conhecer,
Obras como as do homônimo latino
De larga e profunda popularidade
Especialidade ... em costelas.

Picantes como sátiras
São hinos sáficos em honra
Não de Apolo ou Diana
Mas do bom gosto ...
Convites a gozar o melhor
Da vida quotidiana ... o mosto.
A mesma vida que Adão
Cedeu à Eva ...
Sem a gelada ceva ...
A batida ...
Numa sexta ... em ritual profano
No Horaciu's
Altar exposto aos amigos
Na Arnaldo Vitaliano.

PROCURA-SE

Cadê o Professor que estava aqui ?
A desilusão abateu.
Cadê a desilusão ?
Salário gerou.
Cadê salário ?
Inflação corroe.
Cadê inflação ?
Governo escondeu.
Cadê governo ?
O povo elegeu.
Cadê o povo ?
A ignorância o venceu.
Cadê a ignorância ?
Alienação criou.
Cadê alienação ?
Pós-guerra aumentou.
Cadê pós-guerra ?
Hiroxima iniciou.
Cadê Hiroxima ?
A bomba envolveu.
Cadê a bomba ?
Ciência inventou.
Cadê Ciência ?
Cientista aprendeu.
Cadê cientista ?
Trabalho desenvolveu.
Cadê trabalho ?
Capital corrompeu.
Cadê Capital ?
Marx escreveu.
Cadê Marx ?
Filosofia verteu.
Cadê Filosofia ?
Sabedoria amou.
Cadê sabedoria ?
Mestre encarnou.
Cadê o Mestre ?
Ensino exortou.
Cadê o ensino ?
Professor abandonou.
Cadê o Professor... que estava aqui ?

PAUTA

Na folha quadriculada e na cabeça
Um branco...

Um misto de letras e números,

Dias e siglas se entrecruzam

Faiscam a retina atenta

E cruzando os braços... dados...

Olho a "cruz" a carregar...

Ressoam em mim os pedidos... imposições

De dezenas de pessoas... rostos...

Profissionais.

Operários da educação... sacerdotes,

Que em várias escolas deixam disponibilidades,

E em mentes, marcas.

Que deixam partes de seu tempo e vida

Nas salas... pátios... sonhos juvenis.

Exigências se fazem... legais... pedagógicas.

As lógicas... o bom senso...

A vontade de a todos agradar.

Sem duplas... não sexta... não segunda.

Não na primeira... ou na última.

Penso em parar.

Alí, dez horas, almoço do marido

Lá, nove horas, ensaio da filha

Salada de compromissos e família.

Na terceira aula da quinta-feira

A feira... o médico... o dentista.

Ecoam os pedidos... os discursos

E na quarta aula da segunda

Os cursos.

O bater com outros horários

De outros coordenadores... diretores...

Fazedores de horários... causam dores...

Meia-noite... dias inteiros de trabalho.

Aulas batem... janelas... pedidos desatendidos.

Olho para o vazio... às vezes desespero.

Examino meu interior

Espero...

Peço à Ele; mais dificuldades,

Mais aulas duplas, janelas, batidas...

Amor por mim... por nós

Para que possamos encontrar saídas.

Sair das aulas do papel

E cair nas salas... na prática...

Sair do texto para o contexto

Cantar mais um hino à educação

Oração e trabalho,

Transcrito na pauta de mais um...

Horário escolar.

THE BEATLES

Água, fogo, terra e ar
Sem par... sempre... Orfeus.
Que Deus, a encontrar outra vez
Canções iguais nos ajude
Hey Jude... Yesterday... Michelle.

Sul, Oeste, Leste e Norte
Nem com a morte... sem fim... catarse
O êxtase da música que jamais se fez
Cósmicas vibrações que não são daqui
Let it be... Get back... Come Together

Ouro, paus, copa e espada
E mais nada... unidade completa... euforia
Harmonia que mudou costumes
Lumes nos longos cabelos... anos sessenta... sublime
Yellow Submarine... Day Tripper... Help

Harrison, Ringo, Lennon e McCartney
Lei Maior... Beatles... escarvelhos... besouros
Tesouros no nome... a imortalidade n'alma
E calma repousará no Nilo Astral
A eternal música... após Apocalipse.

MANCHAS

Meu sol

Como todo sol que se preza
Tem manchas...

Saturno

Belo e ornado de anéis
Tem manchas... brancas

Júpiter

Pai dos Deuses... Zeus
Tem manchas... vermelhas

Meu filho

Neurofibromatose congênita
Tem manchas... pardas.

As manchas são troféus... sobrenaturais
Que quais estígmata de Cristo
São Vistos Cômicos dados por Deus
Aos seus escolhidos do Cosmo.

As manchas lembram... falam
Exalam significados... mensagens
Imagens lembrando histórias
Palmatórias talvez... do mundo.

As manchas do meu sol... genéticas
São antiestéticas... nasceram em meiose
Dose aleatória de translocação... sono
Cromossomo 17... natural distração.

E as orações se tornam fermento.
No sofrimento ante temores... tumores...
Nossas dores encontram bálsamo em Maria
Santa e Pia... vela a vida Rosa Mística.
A heurística é altar de inspiração.

Então ciência do homem pós-moderno
Hodiernos arsenais dispõe de luta
E na labuta de pesquisas enfim desvenda
Retira a venda... se apossa das mutações.
Milhões em luta... dispensam-se Valquírias

Meu sol... apesar e com tudo... ilumina.
Como todo sol que se preza
Tem brilho.

Meu filho
Ser único sem par nos Universos
Em versos compõe a vida
Tem amor...
É.

FINADOS

Aos vivos a morte...

espera

Aos mortos a vida...

eterna

Sempiterna repetição.

Estar vivo...

é ser para morrer

Renascer é preciso...

viver também

Amém.

No fim dos nossos tempos...

os finados

Iluminados receberão os seus.

Deus presente...

de amor teremos farta a mesa

Com certeza...

nossos cálices transbordarão

Na união Cômica...

Casa do Senhor.

Enfim sem dor... no paraíso

Final Juízo... trombetas soarão

Em oração dobrarão os sinos

Angelicais hinos se entoarão aos redívivos

Aos vivos...

a Comunhão

Aos mortos...

a Ressurreição

Que cada coração almeja pelos séculos

Dos séculos...

Assim Seja.

EUCALIPTO

Pré-histórica visão...
Do chão partindo rumo ao céu
Penetrando vê de folhas e galhos
E retalhos de azul emoldurando
Venerando ser no espaço se projeta
Vegeta ali há séculos... o Eu... calipto.

O corpo rugoso atrevo-me a tocar
E o roçar no tempo me comove...
Move-se o tronco em curtos círculos
Qual veículos espaciais outros o circundam
Inundam o ar sons e odores diversos
Imerso na luz... o Eu... calipto.

Olho para o alto e com vertigem admiro
Miro a obra do Ser Supremo...
Espremo as mãos no rude madeiro.
E por inteiro me entrego à evidência
De que a existência de um Deus é certa
Pelo que me desperta este... Eu... calipto.

Parasitas ervas a seiva sorvem
Absorvem gota de funda cicatriz
Que infeliz lágrima parece...
Fenece... espera paciente triste fado
Desesperado às vezes chora... estremece
Galhos em prece... o Eu... calipto.

O Eu... calipto... Eucaristia
Bruma é alegria do Jesus presente
Num ambiente de íntima inclusão
Convocação à Cósmica Eufemia
Que na Eufonia da natureza
Reza em harmonia com meu Eu.

PROCLAMAÇÃO

Brasil em despertar monárquico...
Sob ecos da explosão da Inconfidência
Resistências... levantes... sonhos
Anseios de liberdade... nova era.

Era sexta de Sol (on)... fim de fase
Quase centenário
No cenário o Reinado ruia.

Sobram nós na busca da verdade
Em avançada idade sairia no Alagoas
O Rei Pedro

Segundo Bilac... a liberdade

Ainda que tardia,

Abria as asas sobre nós.

Sobrava... a sós... o Povo... a gente
Ausente a participação popular.

Brasil em dormir republicano...
Sob sonho de ideais iluminados
Por farrapos... balaios... sabinos...
Liberais...

Que dos anais da História nasceu

Bebeu da Revolução... Francesa

E da Declaração Universal,

O sal de justiça e liberdade

Que na verdade inspiraram ações,
Declarações de Independência de Povos
Nossos novos Viscondes de Ouro Preto.

Brasileiros

Vamos despertar soberanos... iguais

Nada mais, reinado ou república... pouco importa
Aborta... oh pesadelo... agonia sem fim

Abaixo a orgia que é geral

O mal da corrupção que nos corrói

E destrói a verdade, a ordem, a alegria...

Abaixo a monarquia econômica mundial

Um grande e tenebroso mal

Não resolvível por um Marechal.

MARIAS

Almas gêmeas... gêmeas almas
Marias... alma e palma
Nascidas, quase, no mesmo dia
A Margarida Maria e
Maria da Encarnação.

Com a Virgem são três Marias
Que os dias de suas vidas
Ao Cristo souberam dar
A Virgem mãe teve o Filho
E as nossas duas Marias
A mil filhos se doaram.

Corpo e alma... alma e corpo
Perseverantes na obra... fontes de alegria
São par e ímpar...
Noite escura... céu ensolarado
Memórias do passado
Presenças no dia a dia.

Sessenta anos servindo
Na Ordem da Úrsa Menor
Estrela Polar de existências...
Um século transmutam unidas
Educação em amor.

Deu-nos a flor Batatais
Ribeirão encarnou a luz
Flor e luz... luz e flor...
Obrigado Irmãs por viverem
E por estarem conosco,
Do outro lado da Cruz
Que Cristo ocupou por amor.

(Homenagem às irmãs ursulinas Margarida e Encarnação pela
passagem dos 60 anos de vida religiosa).

ENCHE

Enche o tanque...
De sangue
Destruição
Pedacos de corpos em decomposição.
Pássaros agonizantes
Destroços de mísseis
Gases sufocantes.

Enche o tanque...
De multidão exangue
Mortes em explosões
Gritos de desespero.
Lágrimas de emoções
Sirenes de alertas
Abertas chagas... aflições.

Enche o tanque...
Com gasolina
Extraída do sangue
Trocado pelo óleo que se importa
Não importando o ser humano morto
Para o conforto da civilização.

Enche o tanque...
Vou rodar.
Enche o saco
Não conseguir se alienar.

LEVANTA

Caiu ?
Levanta, Sua Anta!
E chora... aflito.
O choro
É a sombra do grito.

Caiu ?
Levanta, Sua Anta!
E grita... amargurado.
O grito
É a sombra do pecado.

Caiu ?
Levanta, Sua Anta!
E geme... em segredo.
O gemido
É a sombra do medo.

Caiu ?
Levanta, Sua Anta!
Ora e faz ... com alegria.
A oração
É a sombra da Sabedoria.

Caiu ?
Levanta, Homem Místico, e segue...
Pois consegue
o que não chora...
não grita...
não geme...
e levanta, ora e faz...

A harmonia e a Paz...
Do Cósmico.

PALMARES

Tiradentes negro... descendente de Obás ?
De Brás a Padre Melo foi Francisco
Centro de um disco galáctico de irmãos
Que nas mãos de Jorge Velho sucumbiu.

Mártir negro... entre penhascos cassado
Morto e castrado... na boca o próprio falo
Envolto em halo de almas de ex-escravos
Hoje bravos... sem canudo e malagueta.

Sonho negro... sacrificado
Perfurado de balas e punhais
Não tem mais olho e mão direita
Desfeita carcaça fétida e troncha
Em concha o corpo... sem cabeça.

Lider negro... do mar de cana
Humana e ebânea expressão da liberdade
(Na verdade avesso Henrique Dias... anti-Palmares)
Que entre pomares na Serra dos Macacos
Aos nacos deu de vera independência
Para a existência daqueles que o seguiram.

Herói negro... traído num abraço
No mormaço das brenhas em Dois Irmãos
Nas mãos nenhum gesto... estupor
Só dor e desalento... resplendor.

Exemplo negro... de luta e resistência
Essência de uma raça... libelo
Elo entre passado e presente
Que está ausente nas consciências de agora
De quem mora nos morros e favelas.

Negro... seja portador da Utopia
Ainda que tardia... busque a Verdade.
Na Universidade rebusque os anais
Nos Carnavais da história seja destaque.
Ataque de Zumbi... ou Ganga hodierno...
No pós-moderno há sempre um lugar
Para se buscar um Palmares... eterno.

LIMITE

Três pequenos seres
O corpo do Arquiteto sustentam
No teto da Sistina..
E me fascina a forma do véu
Que no céu o grupo envolve
Inclusive aos outros nove,
Quadrado de três,
Que por sua vez encimam Criador.

Nos nós dos braços... entrelaçados
Os espantados seres se agitam
Levitam no manto... em União
Cujo encanto é a forma cerebral
Sinal da Consciência
Que a Providência concedeu ao homem.

E o ser humano
Envolta forma pelas cores da montanha
Ganha forças... estica o braço
Busca o abraço... o sopro
Emerge da Terra para o espaço
Em direção da mão de Deus.

E nos matizes vibrantes
De Michelangelo em pedra fria
A alegoria da criação de Adão
É ação que tende a um limite
Um convite ao toque... à iluminação
A mão que busca a Mão
Em Câmara lenta
Separadas por milímetros na perfeição da arte
E pela imperfeição humana na realidade...

REVIVESCER

Ver para crer
Crer para poder
Ser para ter
Ter para vencer
Vencer para poder
Poder para obter
Obter para perder
Perder para sofrer
Sofrer para morrer
Morrer para renascer
Renascer para ver

Ver para crer... E nada entender... Ao nada tender.

NÃO SEI

Para que sonhar... esperar
Buscar o fim das coisas
Dentro ou fora de si ?
Para que amar... odiar
Procurar nossas origens
Longe ou perto daqui ?
Não sei...

Para que olhar estrelas
E vê-las brilhando díspares
Milhares... luzes de idades desiguais ?
Para que admirar o mar
E navegar sobre as espumas
Buscar limites abissais ?
Não sei...

Para que escovar os dentes
Contentes dar comida para o cão
Ou então ler o jornal ?
Para que tomar de manhã o café
Ter fé na criança esperança
Viver um vida normal ?
Não sei...

Para que se casar... procriar
Esperar a morte certa
Seguir nesta noite escura ?
Para que não perder a hora
E embora triste procurar sorrir
Fazer de tudo um teatro de loucura ?
Não sei...

Para que sempre se levantar
Ao tropeçar em pedras do caminho...
Procurar amar o semelhante ?
Para que conhecer e transformar
Buscar entender cada gesto
E sempre aberto manter o semblante ?
Não sei...

Não sei... tanta aventura... não sei
Só sei que é um Mistério
Etéreo... Cósmico Segredo.
Para que estamos aqui ?... pensei
E encontrei com critério
A resposta ao existencial medo.
Agora sei...

Aceitação do desconhecido
E destemido viver os sonhos
Confiar nos planos meus.
Ter coragem de dar mais um passo
Seguir compasso do coração
Pegar na mão de Deus.

"PAZ CELESTIAL"

Paz...

Que se desfaz com guerra
E a Terra cobre de manifestações.

Paz...

Que não se faz com demagogia
Nem com magia ou demonstrações.

Paz...

Que é demais para quem vende armas
Em cujos carmas se acumulam maldições.

Paz...

Que nunca mais foi conseguida
Desde a saída compulsória do Eden.

Paz...

Que a guerra traz à lembrança
Na esperança do Advento Final.

Paz...

Que jaz no fundo dos corações
Mas que em ações efetivas não se torna.

Paz...

Paz de Cristo...
Paz profunda... harmonização
Fundada de Davi
Contra o Goliath da ambição
E afinal... contra as praças
Da "Paz Celestial" ...

FILHA DE AMIENS

Cândida flor de Amiens
Anciã cidade em Picardia
Nascia feita no Vale do Somme
Um grande nome que entre nós um dia
Cá estaria em fraterna Aliança.

A esperança... nova estrela cintilava
Se destacava na Ursa Constelação
A antevisão... estava o Sol em Peixes...
Feixes de luz gravaram signo Cristão.

O Ser Supremo... Gótica Catedral,
Imortal alma vê nascer... novo século...
Que duas décadas após dedicaria
Sua existência à Santa Confraria...
Na exaltação da Cruz submeter-se-ia.

Essência da personalidade a arte... o belo
Destarte amante do Amor Divino
É sempre Hino... simpatia cordial
Manancial de alegria o azul dos olhos.

Se acaso tudo se dissesse
O que na messe Madre fez um dia
Não sobraria em folhas um espaço
Tamanho rol... merecidas honrarias.

Sessenta anos... abnegado ser
Legado mor de gerações infindas
Seria ainda que se falasse línguas
Longinquas as chances de justo louvor
A tanta fé... Serviço do Senhor.

(Homenagem aos 59 anos de profissão da Madre
São Paulo no dia 14.09.90).

PODRE DE

A Luz é podre de vida
A vida é podre de amor
O amor é podre de Deus
E Deus é podre de Luz.

A Vida é podre de sonhos
O sonho é podre de imagens
A imagem é podre de cores
As cores podres de vida.

O amor é podre de tudo
O tudo é podre de nada
O nada é podre de Deus
O Deus é podre de Amor.

E dadas as proporções
De Luz, Vida e Amor
Deus e cor tudo permeiam
Nada sonho e imagem
Em podridões...

GULA CONIVENTE

O lombo malpassado...
delícia...
Gosto de asfixia...
do ex-suino
Hino ao insensível...
horrível...
Terrível suplício... sangramento incontido.

A coxa temperada...
enleva...
Leva ave...
um choque elétrico...
Segue-se tétrico sangrar...
das jugulares.
Nem ares de protestos ecológicos.

O churrasco suculento...
é divino...
Após repentino golpe na testa...
marretada
Nada impede brutal morte
A sorte bovina...
de uma promíscua execução.

Enfim
A bebida bem servida...
aquece...
Entorpece o coração...
deixa exangue.
Tanto sangue...brotando de artérias.
Sérias incoerências humanas
Doidivas que defendem pandas... micos-leões...
Mas suas visões não vêem palmo ante os narizes
E infelizes animais conduzem... mansamente
Em deprimente convivência... a fins tão violentos.

Ah, sublimes seres
Que suas vidas transmutam em alimentos de homens!..
Cristos.

BÍBLIA SAGRADA

No princípio criou Deus o céu e a terra
E nesta terra fez nascer as criaturas...
Nas Escrituras viu o Senhor... isto era bom...
Em mesmo tom continuou Primeiro Livro
A culminar no Apocalipse de João.

Setenta e três... históricos, doutrinais, proféticos
Catequéticos trazem no bojo epopeias
Suas idéias se mostram sempre atuais
E em principais temas que abordam
Transbordam sempre a Unidade e a Fé.

Anunciado Plano em Antigo Testamento
Seu cumprimento se fez ver... no Novo
Pois Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro
Foi mensageiro de uma revelação,
Da relação entre um Povo e o Criador.

Originais em aramaico... grego... hoje proscritos
Manuscritos em hebraico... raridades
Foram por Frade em Vulgata transformados
E por Prelados proclamada oficial.

Suas páginas... eternas fontes de saber...
Fazem nascer em seus capítulos... versículos
Reais veículos de Sacra Iluminação...
Na aflição de uma consulta aleatória
Mudam a história de almas... são oração.
Na Comunhão de seres em harmonia
São alegrias... são luzes... exaltação.

Enfim... Monumental Bíblia Sagrada
Criptografada traz em si Toda Essência...
Quem Sapiência aplicar em sua leitura
Terá Ventura de abarcar Plano Divino...
Ouvir o Hino da fortuna de uma raça... além,
E a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,
Pelo Apóstolo previsto, será com todos nós
Amém.

NOSSA ARARA

Repara ...

Em torno de nós menos azul ...

menos cor.

Ameniza a dor ... no céu ...

mais uma estrela colorida.

A vida perde o som ... o tempo para

Perde a natureza ... e nossa história.

Adeus Arara.

Deixa a Terra sem plumas multicores.

Sem dores ... banhada em tiara de luz,

Reluz ao penetrar o abismo de Deus.

Adeus Arara.

Alça vôo ... após um grito

Vai para o infinito ... do mosto do chão,

Rumo às mãos de São Francisco.

Correu o risco ... como uva no lagar

Morreu ... ave rara ... sem perdão.

Nem faisão ... nem ave-do-paraiso

Só Nossa Arara.

Leva, o destino, sorrisos

E a alegria das crianças ...

Ficam lembranças de uma era ...

já era ...

Nossa companhia parte sem fausto

Holocausto na ara do asfalto

Falta ar ... ar ... adeus ...

Adeus Arara ...

MOSCA AZUL

Remoto rincão do Universo Cósmico,
Berço derramado de cintilantes sóis.
Sistema Solar.

Um astro.

Pouse no solo escorregadio
À beira de um despenhadeiro liso, úmido,
Após trespassado num ritmo veloz
Um quadrado vítreo do espaço-tempo.
Não creio no que meus olhos vêem
Esfrego trôpego meu rosto atônito
Respiro o ar que me parece ótimo
Só maculado pela massa fétida ... na borda.
No fundo um lago ... um poço ... um líquido
Que vez ou outra agita-se freneticamente
No soar surdo de um ronco ... estrondo ... jorro
E lava as bordas do imenso tanque ... despenhadeiro ...
Estou ali aguardando algo

Que os primeiros vivos jorros não mo deram.
Inquieto-me diante do desconhecido
Perco-me no espaço em loucos e curtos vôos
Torno a pousar ali.

Procuro descobrir nas metáforas de origem
Que nomeiam as coisas, as próprias coisas.
Não compreendo a nova realidade circundante.
Tento sair ... tento buscar ... tento tentar
Mas algo me prende ali ... é o meu mundo,
Às moscas ... dor e tédio?

Lodo e nada mais?

Conheço-o melhor

Gosto do ar ... da luz ... do cheiro ...
Gosto da água ... do som ... de estar.

E fico mais uma vez ... com a mosca azul

Pensando que penso e logo existo ...
Eu sou a mosca da sopa ... do lixo ... da beira da latrina,

Que num minuto soberbo e mentiroso da minha história
Invento o conhecimento,
Penso que sei ...
E sou.

PREMATURIDADE

Eva ...

Lua ... fases ... transformação

Ação ... mulher ... ela.

Revela e desnuda ... muda o conceito

O respeito perde ... no leito

Com jeito cede ... excede em tudo

Contudo ... não quer ser sujeito.

Direito de ser igual ... qual ... é pior

Um mal ... querer igualdade

Quem na verdade é a maior.

Não mede o ato ... fato comete irrefletido

O sentido leva vantagem

A imagem se confunde

Funde o amor e sexo em cadinho

Sem carinho é sacanagem ... desilusão.

Muita pressa ... dos tempos o sinal

Malfeito ... antecipado Himeneu

Ocorreu ...

Inês é morta ... aborta ou não o novo eu ...

Orfeu abriu os braços ... deixou cair.

Porvir se antecipa ... se transporta.

Agora é esperar a hora e ver

Romper com sonhos da juventude

Virtude ... virgindade ... vir a ser ... flor da idade

Na verdade colhida prematura

Uma aventura ... não resisto ...

Falo ...

Calo lamúrias de pais ... impropérios

Mistérios naturais ... justifico ... argumento

Ciclos de nascimento ... vida e morte.

Como existo ... penso na origem da gente
Semente ... membrana tênue ... inocentes
Nas complacentes que não se romperam
Dos que nasceram de virgens ... nas estêreis
Mulheres que não se deram ... mártires valentes
Resistentes ... diferentes ... lutas homem versus hímem
Imensa busca do complemento ... sexo
Complexo existencial ... força e fonte
Em Adão.

BURACO

A vida é buraco ... sem fundo
O mundo a mesa ... do jogo
O fogo da existência ... em ouro e copas
Sorte.

O negro da morte ... em paus e espadas
Trincas.

Frações de sete ... anos ou cartas
De ases a ais

Canastras vitais ... limpa ou suja
Coruja agourenta ... feliz ou não
Coringão sempre presente

Ao indigente sonhar ... levando ilusões.

Quatro naipes de treze
Cinquenta e dois

São pois os Ciclos da Vida ... que se repete
Sete jogos completos
Concretos dias de um ano
Arcano em Rodas Maias ... do Tempo.

Espelhos bipartidos

Construídos em semi-faces isolaterais
São fatais aos que a eles se dedicam
Neles se miram em bares e cassinos.

Nos lares é passatempo
Momento de prazer ... brinquedo de meninos.

A vida é buraco ... sem fundo
O mundo a mesa ... do jogo.

O tempo é contado em partidas
Às batidas se seguem as contagens
Como imagens que após uma vida
Assistidas tem novo valor ...

E o Amor... leva a novas partidas.

CAMINHOS

Caminho de cabras ...
da roça ...
de serviço.

Convite ao arrepiar caminho
Tão mesquinho o final objetivo.

Caminho de asfalto ...
da rodovia ...
de conforto.

Convite ao cortar caminho
Tão gratificante o que vai chegar.

Caminho do alto ...
Astral ...
de São Tiago.

Convite ao pôr-se a caminho
Tão intrigante o infinito abissal.

Caminho da Alma ...
da União com Deus ...
da Iluminação.

Convite ao seguir o Caminho
Tão sublime é a Verdade e a Vida.

CICLOS

De A a Z,
Um alfabeto inteiro,
Uma vida na educação.
Décadas que fizeram mestras
Centenas de mestras que fizeram vidas.
Vidas que se fizeram fontes
Fontes límpidas de sabedoria e luz
Onde beberam e beberão ainda
Crianças puras, puros corações
Almas crianças, corpo em formação.

Agora parcial o fim ...
Hibernação para reflexão.

Após o duo que ora se inicia
Renascerá das cinzas,
Como Fenix, uma nova etapa,
Ressurgindo mais real que nunca
Nossa vontade de sempre educar ...
E neste dia todos saberemos
Que um novo ciclo vai recomençar
E que um dia como por encanto,
Como este há de terminar.

Mas não teremos as mesmas alunas ...
Outras serão, não vocês, no outro limiar ...
Talvez suas filhas ...
Talves serão suas netas ...

Mas o Espírito,
A Fé Ursulina em nossa juventude
Esta nunca ... nunca mudará
Ela permeia cada pensamento
Cada momento, cada atitude ...
Desde o Princípio ... até o Amanhã.

EXPLOÇÃO DE VIDA

Concentração de forças... de vontade
De energia vital ... de garra.
Muita massa, pouco espaço
Irrefreável, a vida explode... se amarra
Na avenida... na Sapucaí.

Fogos... suor... lágrimas ... alegrias
Grande explosão inicial
Cujos ecos vão eclodir
Por eternos minutos... horas... dias.
Que tá bom... que tá bom... que tá bom...
O som invade a alma ... lava ... incandescente.
O coração acompanha o ritmo,
O sangue ferve ... e o surdo repete
Bom ... bom ... bom ...

No mar de cores ... plumas
Paetes ... alas ... Lumas ...
As ondas trazem histórias, mitos,
Lendas, águias, castelos,
Embaladas no repenique
Que tá tá ... que tá tá ... que tá tá
Que tá tá ... que tá tá ... que tá bom
E levam seios, nádegas, sexos
Espelhos ... brilhos ... emoções.
As imagens se sucedem
Indo do luxo ao lixo
No prolixo de alegorias ... carros
Adereços ... cores ... em jorro.

E como na vida,
A tudo recobre a magia
Que trasmuta tristezas, pesadelos e dramas humanos
Em festa ... sorriso ... êxtase
Nas mãos de alquimistas ... do morro.
A ínfima mas sublime existência
Aproxima-se da Apoteose ...
O sonho vivido está no fim.
O vôo das câmeras
Permite rever o que passou ... a essência
Como o moribundo revê seu passado.

A cuica geme o último gemido...
A baiana para o girar ... e o passista o gingar ...
E no mausolêu de restos
De fantasias ... esperanças e energias
Em que se transforma a praça final
Beijo a Flor ... mentalizo um desejo
E aguardo o renascer de um outro Carnaval
Após as Cinzas.

ANTENA (TAL)

Real ...

Uma pomba

Pousada na antena (parabólica)

Retorcida pelo vento.

Virtual ...

Uma paz (simbólica)

Pousada nas consciências

Distorcidas pelo tempo.

Natal ...

Ambas pousadas ...

pomba e paz

Aguardam mensagens

Uma ... imagens de TV

Outra ... sinais do Advento.

SUDÁRIO

Abri o Sudário Santo
Rasguei um pedaço do Manto
Preservado de Longinus a Turim.
Desdobrei o lençol de linho
Radiografei de pertinho
O que fogo de Chambery não deu fim.
Extraí grãos de pólem em Mandylion,
Examinei mirra e aloés do Sindon
Com luz ultravioleta e espectroscopia.
Retirei de Pharos e Sofia o documento
E Abramio da NASA em reconhecimento
Utilizei vaporográfica teoria.
Lavei relíquia ... peróxido em reação
Do carbono 14 lancei mão
Revirei o "Ídolo" dos Templários.
Encontrei uma figura tridimensional
Aplicando análise espectral ...
Escrevi e divulguei conceitos temerários.
Enfim abri o Sudário Santo
Rasguei pedaços do Manto
Preservado de Longinus a Turim.
Só não abri minha consciência
Para a fonte de sapiência
Que o Mestre semeou em mim.

ICA

Pedras de Ica

Aos milhares ... milhões

Rica biblioteca

Lítica ... de sonhos e visões.

Transplantes, viagens espaciais

Animais pré-históricos e perdidos continentes

Surpreendentes fugas para Plêiades ... Lemúria

E a fúria de cataclismas monumentais.

Pedras de Ica

Gliptolitos ... ideografias ... imagens

Miragens do deserto de Nazca

A casca da noz de Salomão

Mão de Deus gravando do cometa o curso

E o percurso de Atlântida e Mu.

Pedras de Ica

Séries de pedras ... mensagens

Aterrisagens de novos filios humanos

Que anos-luz tem nos separado.

Intricado buscar das origens do homem

Que somem em eras secundárias, mesozóicas,

Heróicas quebras das barreiras do tempo.

Pedras de Ica

Só Teilhard anteviu suas verdades ...

Humanidades rompendo do espaço as fronteiras

De histórias inteiras do Fenômeno Humano tão bonito

O pano levantam e fazem do Cosmo um Palco, enfim

Pois assim ... nas pedras foi escrito.

REVEILLON

Faltam cinco minutos ...
Os últimos de vida
Sensação de morte.
Nem o frio do champagne,
O calor do perú,
A maciez das frutas.
Estranho ...
Quatro minutos.
O vinho sem gosto
O coquetel insípido
A uva se rompe na boca ... como plástico.
Espanto ...
Três minutos.
Cessa o perfume das flores sobre a mesa
E o pernil não exala mais o cheiro quente,
As colônias e águas de cheiro ... inodoras.
Pasma ...
Dois minutos.
Todos balbuciam algo que não se ouve
Parecem cantar ... alegres ... tristes.
Sinos balouçam ... inaudíveis.
Abraços no vazio.
Augúrios sem respostas.
Pânico ...
Falta um minuto.
Onde está o relógio?
E as pessoas?
A mesa posta?
A luz?
A vida?
Afinal a Paz.
Fim do Ano Velho.
FELIZ ANO NOVO.
Euforia ...
Esperança ...
Felicidade ...
Mais uma vez a emoção do fim
Com a certeza do recomeço.
Um preparar constante ... periódico
Para o REVEILLON FINAL.

O MURO

Muro de Berlim
Serpente de concreto umidecido a sangue
Farpas de arame
Separando Águia do Urso
Armas e exércitos distanciando gente
Gente isolando sonhos da realidade
Realidade dividindo matéria e espírito
Espírito elevando-se aos Céus
Céus infinitamente reproduzindo-se no Cósmico
O Cósmico se perdendo em Deus
Um Deus que em Consciência Cósmica
Conscientemente locupleta o Humano Templo
Humano Templo que dual se mostra
E se mostrando vai mudando a Vida
Mudando a Vida se transforma a História
E a História leva à Unidade
Unidade sem sangue, armas, exércitos, sofrimentos, lágrimas...
Lágrimas de alegria com flores, aplausos, champanhe,
gritos de alegria
Gritos que ultrapassam muros
O muro que acabou
Berlim sem muro.

LENÇOS

Dois lenços vermelhos
Penetram outubro
No ansioso e profundo olhar
Mergulhado no mar de vinte anos
E umedecido pela lágrima ...
De agora.

Duas almas gêmeas
Ganharam o infinito
No último voo nupcial
De despedida
E sã as mãos Cósmicas do destino
Indicarão de novo a senda
Prometida.

A vontade de se ver
Sede de beber da fonte
Cria e recria possíveis rostos
Feições mutáveis ao sabor da imaginação
Mesclando ontem e hoje
Na plástica cirurgia mental
De um retrato falado
Por amigos.

E o esperar consome...
Mas alimenta a esperança
De um temido reencontro
Com o espelho do tempo
No qual o face a face
Denunciará inexoravelmente
A unidade de seres
Tão solitariamente
Juntos.

(Homenagem à amiga e irmã Dona Célia Dualiby pela força
que sempre deu ao meu trabalho).

PEDRAS

Tropeço na pedra
Da Senda.

E me abraço ao imponderável
Do insólito.
Abro o plexo aos fluxos
Fico exposto.

Tropeço na pedra
Da imortalidade.
E me entrego à criação
Do verso.
Entreabro o Universo do papel
Fico tenso.

Tropeço na pedra
Do caminho.
E me debruço no abismo
Do destino.
Fecho os olhos do espírito
Fico sozinho.

Tropeço... nas muitas pedras
Do meu sonho.
E me despeço do anonimato
Da mortalidade.
Arreganho um sorriso de aprendiz
Fico feliz ...

PAPEL DE PÃO

Só... na mesa de um bar
Para você deitar e rolar
Decolar da realidade
Navegar, riscar, apagar
Rabiscar...
Piscar com pálpebras de cortina
Desatinar afogado em idéias e palavras
Lavar, rimar
Depravar a lógica... a metáfora.
Agora é hora...
De chorar e rir
Mergulhar em tudo que apavora
Ou que se adora.
Orar, blasfemar
Pensar na vida e no sistema
Buscar a comunicação
E nesta oração se doar
Voar, estuprar, penetrar
Mudar a letra, o tom,
O tempo...
Buscar no vento, nas flores, na lua
Aquele frase escondida... só sua
Uma verdade ou mentira nua e crua
E camuflar no abismo absoluto
Confundir com um anacoluto
O fruto do intenso devaneio...
E gravar, poeta, em mim
Papel de novo pão, o seu poema...

ALICES

Pobres olhos que não viram...

Entre seios, sexos e coxas

A Beija-flor do João

Beijando a Rosa em procissão.

Pobres olhos que não viram...

Entre confetes e serpentinas

A árvore do Brasil cômico

Unindo-o ao Cômico.

Pobres olhos que não viram...

Entre cuicas e tamborins

Dualidade em comissão de frente

E a grande chave de Sofia ali presente.

Pobres olhos que não viram...

Entre baianas e sambistas

A lagarta e a borboleta

Em ciclos de crescimento do planeta.

Pobres olhos que não viram...

Entre o calor e o suor

Infinitas espirais em azul e violeta

Da porta-bandeira, esvoaçante ninfeta.

Pobres olhos que não viram...

Entre alegorias e adereços

À verdade do abismo brasileiro

A realidade que o cerca por inteiro.

Pobres olhos que não viram...

Entre alas e bateria

De nossas vidas o jogo de xadrez

Em que podemos ser peões ou reis.

Pobres olhos que não viram...

Entre concentração e apoteose

A Escola na Sapucaí cantando versos

Em ritmo harmônico com os Universos.

Pobres olhos que não viram...

Entre os foliões e destaques

Indicações para seguirmos trilhas

Sermos Alice no Brasil das maravilhas...

REVOADA

Um a um
Pombas e pombos pousam
E arrulham no pátio da Igreja.
O momento enseja.
Até o átrio cobrir-se de dezenas
As penas... são de Paz.
Enfim invadem o Santuário... tudo é branco
Em cada banco um grupo
Em cada grupo a espera
E das Esferas um canto de Hosana
Deus presente...
Santo, Santo, Santo.
De repente partículas de Pão
E lá se vão... cobrindo o Altar.
Cada par toma e come... toma e bebe
Está salvo.
E sai mais alvo.
Satisfeitos... tomam até a rua
Verdade nua e crua... cantam!!!
Revoam... saltitam até
E sobem a São José.
Novo pouso... nova Mesa posta
Disposta sob caramanchão
No coração das Ursulinas.
A sina dos pombos repete insistente:
— Sente... é Dia de ser feliz!
Depois se dispersam... em revoadas
Almas purificadas... ganham o Mundo.
Profundo Mistério de Fé
Que até dois mil anos não mudou
Só reforçou uma Aliança com o Pai
E vai plasmando a cada dia
Os Cristãos na Eucaristia.

ORIENTE

Defronte o Sol ...
Diante da Lua ... no Oriente
Em presença da Estrêla ... D'Oeste
Sob o Arco-Iris ... no Céu
Sob o véu do Olho Que Tudo Vê
Demorei ...

Defronte sete velas
Ante triângulo equilátero ... Místico
Sob dísticos, nós e símbolos
Em presença de espadas prateadas
Demorei ...

Ante o amor à Pátria
Em presença da Bíbliaa
Ante o amor à Verdade
Diante do respeito às Coisas Sagradas
E às consagradas demonstrações de companheirismo
Demorei ...

Ante a cerimônia das Sete Luzes
E as cruzes nos símbolos disseminadas ...
As dedicadas homenagens
Às imagens dos Mestres ... Tios e Pais ...
Não mais me demorei ...
De Moley.

LA BOCA

Vem de La Boca o sangue argentino
Napolitano o desejo de lutar
Das ruas estreitas de bairro em chão divino
Conservadora visão veio a gerar.
Como milagre em local tão pequenino
A grande alma nasceu para educar
E os mesmos mares e praias de Martin
Deram-lhe paz para chegar até o fim.

O vinho farto e da planície o trigo
Que na portenha região tem seu lugar
Eucaristia natural e Deus consigo
No celibato não faltou a quem amar.
De ficar só não há nenhum perigo
Pois tem mais filhos do que há peixes no mar.
Tem dois países ... um que é verde e amarelo
Nasceu em outro de azul de céu mais belo.

Passou o tempo e o sonho tomou vida
Fez-se em mil rostos e contos a contar
Foram momentos de angústia envolvida
Cada ferida com amor viu-se curar.
Felicidade em fonte sempre oferecida
A quem sua sala quisesse adentrar
Sorriso fácil e ardente coração
Sempre sobraram em sua orientação.

Adeus às fichas e aos casos impossíveis
Não mais os livros e as mil anotações
Longe dos pais e dos problemas tão difíceis
É estar no Éden, longe de atribulações.

Mas é também estar distante de sensíveis
E eternos companheiros de ações
É estar sempre, e não ser nunca esquecida
É ser eterna ... enquanto durar a vida.

(Homenagem à Emma, Orientadora Educacional do Instituto Santa Úrsula de Ribeirão Preto, quando de sua despedida em 1991.)

EREMITA

Uma rajada que é cortante e fria
Balouça o manto de um eremita
Um ser que vive solitário e triste
Nos altos montes onde a paz habita.

Seus olhos vítreos tem a cor das matas
Que seu olhar não cansa de fitar
O tremular de sua mão em rugas
Demonstra os anos que ele viu passar.

Cabelos bastos ... eriçados ... flavos
Tombados sobre a fronte mui franzida
Não são capazes de esconder a gota
De uma lágrima de cristal sentida.

E nesta gota fria e tão pungente
Que só ... serena foi no chão morrer
Está a história de um ser que um dia
Não foi amado e preferiu sofrer.

Deu muito amor a quem não merecia
Seu ser ... sua vida dedicou à ela
Por isso quando percebeu seu erro
Não era nada ... ele era dela ...

Só solidão seria um acalento
Para seu pobre coração partido
E hoje busca a iluminação em vida
O corpo langue ... semidestruído.

DE CORPO E ALMA

Um esqueleto ...
Ex-humano ... exumado?
Pendurado ... ex-vivo ... eterno?
Externo à mostra ... parece sorrir ...
Ex-mendigo? ... indigente?
Foi gente ... com certeza.
Na mesa ex-José ... ex-João
Meu irmão ... extinto ... finito ser.

Morrer ... expostos tíbia ... perônio
Errôneo orgulho ... como fêmur enorme
Dorme ... viveu para nada? ... esperança insensata
Omoplata torta ... foi quebrada
Pancada de um aluno ... ou aluna
E a coluna entorta ... falta vértebra
Bobeada do professor ...
E sem dor ... perdeu-se o metatarso.
Disfarço sentimento ... toco o crânio ... aberto
Mais perto vejo o que serei ...
Sonhei ser tudo ... e não sou nada ... vou morrer
Ser ou não ser ... falta o úmero.
Serei um número ... alma servida à educação ... mais um?
Comum mortal ... que como esmola
Ossos abertos ... com amor sem rumo olharei
E servirei com meu corpo de esqueleto
Numa escola?

REGISTROS

Cinco vogais ... a ... e ... i ... o ... u
I... a ... o ... u ... é ... Javé
I... é ... o ... u ... a ... Jeová
Ah! sons ... letras ... presença Dele
Daquele que se manifesta em nós,
Que por nós criou o mundo ... o Universo
E que imerso no mais íntimo dos seres
Materializou prazeres ... criou vidas
Em Lusíadas ... Odisséias ... demais livros eternos.
Penso infernos ... de Dante ... Céus Bíblicos
E diante de tanto mistério e beleza
Só a tristeza consigo externar.

Ante milhares ... milhões de livros
Não me livro da sensação de impotência
De indignância perante tanta luz
Que se deduz nem em dezenas de existências
Suas essências eu virei a dominar.
Pesar ... é uma angústia ... dores
Ver tantas flores desabrochadas de mentes ou não
Em eminentes estantes sufocadas
Ignoradas por maioria dos mortais
Que como tais ... limitados pelo tempo
Contemporizam ... buscam não pensar.

O cérebro transforma-se em cadinho ... refuta
Transmuta o real em hipóteses.
Teses e antíteses perdem-se em veredas
Labaredas surgem descomunais
Como jamais vistas ... jamais pensadas
Pois se pensadas fossem ... não o seriam ... mas são.
Escureidão no ar ... na história
Na memória a visão de Alexandria
Um dia biblioteca mor do mundo ... desaparecia.

Alexia de uma civilização
Destruição ignóbil ... de uma lavra
De palavras que no princípio eram Verbo
Verbos ... frases ... pensamentos ... textos
Imperfeitos traslado dos Acásicos.

Mas acordo do incômodo pesadelo
Com desvelo apanho um livro ... folheio
Sob o crivo do bom senso ... penso
E no conselho de minhas convicções
Iluminações cintilam a cada página.

Imagina a alma ser a rosa
Que formosa desabrocha sobre a cruz
É como luz de conhecimentos que viceja
Mesmo que seja em inculta personalidade
Já que a luta pela onisciência
Não é ciência ... é só harmonização
É comunhão com o Deus interior.

SUPERINTERESSANTE

Superinteressante

Interesse incessante

Principiante com supercondutores

Tomou as cores de nossas emoções ...

Sensações de supersaber ... poder ...

Deixa correr em páginas vibrantes

Estonteantes descidas ao microcosmo,

Ao macrocosmo vertiginosas viagens.

É matemática, física, biologia

Orgia intelectual ... aventura do conhecimento

Momentos em que o humano se transcende

Se surpreende na busca do entender ...

É um viver no Planeta dos Micróbios

É um sóbrio embebedar-se com o Cósmico.

Dito & Feito ... como Dois Mais Dois ...

Depois de conhecê-la as perguntas

Ah! Perguntas ... dão lugar ao discernimento

Momentos de Livros Superinteressantes

Instantes Super Divertidos ... amados

Superengraçados ... dedicados ao leitor.

É geofísica, medicina, televisão

Nesta Edição ... ambiente, geografia

Holografia ... histórica publicação ...

E a Próxima Edição deixa ansiedade

Vontade de ler mais ... e ao Telescópio

Ver microscópio instalado no infinito

Com o fito de ver mais ... além ... ser

Alguém ... Superleitor ... da Superobra ... de Deus.

(Homenagem à revista do mesmo nome.)

LOTAÇÃO

Abro olhos ... e janelas
Nelas passa tudo ... até passado
Do meu lado ... passageiros
Sem exageros ... contam-se milhões
Emoções transpiram ... passíveis ... ou não
Em cada coração um Deus ... ou Cão.

Fecho os olhos ... estou passivo
Cativo de ilusões ... divago
E vago em espectro ... passeio
No anseio louco de ser
De irromper no Paraíso.

Abro os olhos ... parvo ... penso
Dispensio o sonho ... as esperanças
Minha herança é um pasquim
O fim não incomoda mais
Anais escritos ... letras mortas.

Fecho os olhos ... abro mão
Cantochão Cósmico aquece alma
Calma apalpação mental ... Igreja
Enseja a visão de família ... união
Entre irmão, pai, mãe, filhos, filhas ...
E outras ilhas emocionais que criamos.

Abro os olhos ... vago assento
Num momento avalio a perda ... choro
Imploro uma palavra ... último olhar
Quero estar com ... me despedir ... impossível
Infalível devir ... é a vida ...
Corrida sem fim de Místico Lotação
Que passa ... no abrir e fechar de olhos.

PARAISSO TROPICAL

Um apito travestido de relógio
Invade o quarto invadindo meu silêncio...

Braços se agitam em busca da tecla
Que o subconsciente já conhece intimamente.
Silêncio após a primeira agressão de uma série.

Os números vermelhos
Continuam sua dança de mudança ...
Traços verticais ficam horizontais
E outros desaparecem como por milagre
Surgindo outros tantos do nada
Como surge sempre minha esperança.

E entre um fechar e abrir de olhos
Olho que o tempo passa ferindo a vontade de não acordar.

Hercúleo esforço, quase sobre humano
E ponho-me, sentado, os pés no chão
E acomete-me a rigidez
Do piso descoberto do tapete.

Depois provoca-nos a água fria
No lavar rápido do rosto,
E o leite quente
Ofende a língua ávida de alimento.

A luta continua dia afora.

Agride-nos o som das buzinas e freiadas,
O ar fétido e úmido, o calor insuportável ...

O desamor fere a alma
Enquanto o trabalho
Mal renumerado aniquila o corpo ...

À noite, "repouso" dos justos
A TV leva-nos à utopia global
E a guerra no Oriente preocupa-nos ...

Agressão via Embratel ...

Nossos adversários assumem longos tentáculos
E somos atingidos implacavelmente,
Por Americanos e Europeus,
Que tiram tudo dos meus
E nossa derrota a cada dia,
Faz a vitória de Impérios e agentes nativos ...

Nossa riqueza gera, como sempre,
A pobreza interna
Para alimentar a prosperidade alheia ...

Paradoxo do capitalismo selvagem,
Agressão máxima do Homem contra o Homem.

Deitado sonho, e no sonho eu sonho,
Que é um sonho sonhar o sonho
De um viver intenso, harmonioso, em paz ...
Nesta entropia de interesses vãos ...

E nas agressões pessoais, físicas,
Sociais, morais, ais, ais, ais ...
Sou fonte e objeto ...

Agrido e sou agredido
Procurando enganar as estatísticas
Na dança louca da evolução
Que me tenta excluir a cada instante,
Da busca do meu PARA ISSO.

TEMPLO MARCADO

Procuo por Deus ali, naquele hospital ...
Como sempre, procuro em tudo os sinais de Sua presença ...

Qual o sinal do Senhor em Caim

Aquele rosto marcado surgiu e tocou-me profundamente
Como ferro em brasa ... fundo ... dolorido ...
Gravando cruz lilás no mais íntimo do meu ser.

Um apito qual do metrô soou ...

É dada a partida após o bater de teclas, compassado ...

Passando por portas-estações numeradas

De branco em círculo cinza,

Perdido homem perde-se nas paralelas do corredor profundo.

Luz verde-esperança revezando com vermelho-desepero

Passa a vida ... fica a morte neste jogo Cósmico ...

E a enfermeira anota papéis, fichas, esquemas, ...

Sob o rangido das portas que se abrem e

Batem num ruído que ecoa penetrando almas ...

Alvos corpos se cruzam nos corredores

Qual senhores da vida

Entremeados a sombras azuis que se arrastam

Presas a tubos, ansiedades, dores, calvícies, ...

O monitor insensível de TV nada vê

Além dos lânguidos corpos assinalados

E um zumbido-ronco incessante e lento

Mascara a ação dos raios da esperança.

Compassados apitos contam tempo-aplicações

Enquanto burburinho de vozes e assovios

Ao longe encobrem temerosos ressoar de campainhas

Que chamam alguém ... que lembram vida em comunicação.

Novo apito ... sai um ... entra outro ...

O que sai passa as mãos na cabeça ... devagar ... tenso....

Como a tentar tirar dela doença e pensamentos

Para deixá-los todos naquela sala fria.

Luz branca no teto dos corredores
Iluminam futuro negro e incerto nas almas que transitam
E neste contraste constante entre vida e morte
A semelhança entre ambas apresenta-se clara.

Vida e morte, polos complementares de uma mesma história
Limiar entre finito e infinito na estação-metrô da vida
Realidade imponderável a ser vivida neste Universo
Não importa mais quando nem como.

Ter ... ali já não é preciso nem importante ...
Ser agora ... uma vital luta pela sobrevivência ...

Raios gama invisíveis rondam paredes brancas
E Ele eu vejo ao lado do GAMMATRON DA SIEMENS.

NOVA ESCOLA

Pisos não estalam mais
Magistrais colunas visão não impedem
Não cedem aos cupins aços de armários
De itinerários não mais servem quadras.

Maçanetas se abrem ... ao pensamento
Nenhum momento se perde ao telefone
Some de vista o verde nos espaços
Braços abertos ... amplas escadarias.

As quadras são cobertas ... já não molham
Olham-se os azulejos ... sem remendo
Só vendo crê-se na amplidão das salas
As talas de goteiras ... passado ...

Tudo pronto ... tudo em ordem ...
A imaginação ali não mais cabe
Sabe a criatividade ser inútil
Tão útil é o novo prédio escolar.

Mas falta ... falta história ... falta vida
Aura saída um pouco de cada um
Que em comum envolvia cada canto
Dando um encanto especial ao velho prédio.

Onde as mangueiras ... o lindo caramanchão?
O chão poroso ... o gasto e velho salão ...?
Cadê a Úrsula feita de mármore ...
Onde os pedaços de corações?

(Homenagem ao Colégio Santa Úrsula nos seus 80 anos e diante da possibilidade de ocuparmos um novo prédio em futuro próximo.)

A FRASE

Oh, Lua ... monja branca que ilumina
Após o temporal o abismo tetro
Prateia os longos cachos da menina
Que a mim me aparece como espectro ...

No lugar onde habitava um mago
Um sentimento sublime de ternura
Resta hoje sem ela enorme vago
Onde reside um sainete de amargura.

No meu peito eu só sinto uns destroços
No coração presença de eternal vazio
E o vento frio as minhas carnes ... os ossos
Enrigessem ... sinto forte arrepio.

É o sopro glacial do esquecimento
Que procura apagar da minha memória
A frase que lhe disse mui ciumento
Ao vê-la com um outro em prosa flôrea ...

Vai - eu disse - e por favor esqueça-me
Se além do horizonte encontrar
Alguém que mais que eu lhe ame
Que mais do que a mim você o amar.

Oh, frase que qual pútrida gangrena
Tornou-se na minha vida uma tormenta
Pois ela transformou minha paz terrena
No caos de onde Satã o mal fomenta.

Porque ela ... loura Eva dos meus sonhos
Seguiu o meu conselho e foi-se embora
Teve nesta vida um fim medonho
E na minha visão agora chora.

Me atiro aos pés da Virgem que nívosa
Paira sobre as rochas do abismo ...
Vazio ... uma pontada dolorosa ...
É a morte ... é o eterno ostracismo.

SAFARI DO AMOR

Subindo as imensas montanhas
Que guardam nas suas entranhas
Os mistérios da natureza
Lá vai o safari Africano
Infernal réptil profano
Macular da selva a pureza.

Dirigem-no homens guerreiros
Que vencem os despenhadeiros
Cobertos de matas ... com feras.
Das várias flores e perfumes
Do Himaláia ... altos cumes
São de uma beleza severa.

Os elefantes vagarosos
Conduzem senhores formosos
Que buscam na caça encontrar
Uma diversão diferente
Que, entre da cidade, esta gente
Nunca poderia gozar.

Porém toda pompa e riqueza
Não consegue acabar tristeza
De um Rajá que está a chorar.
No seu peito cheio de dores
Igual rufar de mil tambores
Vai seu coração a pulsar.

O dorso lustroso do escravo
E da selva o ruído cavo
É o que se vê ... o que só se ouve.
Mas ele, o Rajá, nada sente
Só pensa num amor ausente
Que perdeu e não mais reouve.

No horizonte onde o sol desponta
Como de um colar d'ouro ... a conta
Navegam nuvens coloridas.
Raios infiltrados entre ramos ...
Lindíssimas gazelas ... os gamos
Não suavizam dores ... feridas.

Feridas de um coração que ama
De um coração que só reclama
Um amor que lhe foi negado.
Da selva o burburinho d'aves
Pássaros em trinados suaves
A mata é um reino encantado ...

Procurar animais não importa
Ao Rajá que já não suporta
Em seu peito uma enorme dor.
P'ra ele tão amargurado
Teria significado
Um safari em busca do Amor ...

ABSURDO

Semidestruído campo de batalha
Arbustos chamuscados
Na espectral mortalha.

Jovens aos milhares
Com bandeiras nacionais desfraldadas
Assopradas pelo vento acinzentado
Tremulantes ...
Novo inferno de Dante.

Lateralmente perfilados
Nus ... e pelados
Uns de outros distanciados ... ou não?
No complexo de um sonho.

Seus sexos eretos ... rijos
Crescem e se oferecem intocados
Em ogivas transformados
São empilhados
Sempre e somente
Cheirados ... reciprocamente.

É cômico.
É tétrico.
É complicado.
Que prazer é este
De cheirar e ter o sexo cheirado?

Tão jovens.
Tão alienados.
Alí ... estados.

OFERENDA

Antes do casamento
Todo meu ser era meu.
Depois do casamento
Metade do meu ser se ofereceu ...

Com o primeiro filho no berço
Meu ser que era meio
Se reduziu a um terço ...

E veio o segundo parto
E meu ser que era um terço
Fez-se um quarto ...

E veio o terceiro ... o quarto ...
O ene-ésimo parto ... da Vida
Em minha Senda e mãos
Colocando irmãos, irmãs
E muita gente escolhida ...

Enfim de parto em parto
Reparto o meu ser ao infinito
Levando a zero o quociente ...

Pois consciente espero, sobretudo,
Que transformado em nada
Estarei contido em Tudo
E Serei.

JOANA D'ARC

Cinzas de Joana

Lavando as águas do Sena

Purifica o carrasco que assassina

Apaga o fogo que extermina

Limpa a estaca de madeira.

Cinzas de Joana

Lavando as águas do Sena

Expurga o Delfim em nós

Afoga o Cauchon de nossa voz

Livra-nos da culpa.

Cinzas de Joana

Lavando as águas do Sena

Cura as pestes negras do presente

Refresca o calor do intransigente

Asfixia por cem anos nossas guerras.

Cinzas de Joana

Lavando as águas do Sena

Reflete em nós a tua lida

Conduz-nos à Reims desta vida

Leva nossas preces a Deus.

CHINA

Meu gato China também mia
E tem tanta mordomia
Que come até azeitona.
De madrugada sai em maratona
E na volta da boemia
Meu Felis cattus na janela se arrepia.

Ao farfalhar de saco plástico
Aparece de repente ... é fantástico
Pensa receber carne moída.
O meu bichano só não gosta de comida
Composta de lambaris ou seus iguais
Pois tem problemas, imagine, estomacais ...

É na limpeza efetuada com rotina
Que em poses teatrais se desatina
Ergue a pata, lambe, torce o rabo
Da sujeira aos poucos dá o cabo.
Ronrona, se espalha e espairose
A seguir, com olhar lânguido, adormece.

Meu gatinho é bibelô de geladeira
Com meu cão gosta de brincadeira
Até quando o bom humor suporta.
Cansado, arranha e mia na porta
E ar circunspecto, altivo, perto da pia
Parece conhecer existencial filosofia.

GIGLI

Desde menino
Sonho nos versos
Sorvo do bel-canto de Beniamino.

Cósmico Hino
Cantor do Povo e do Mundo
Profundo sentimento de fraternidade
Que na Eternidade canta para os Anjos
O que na Terra fez brilhar estrelas.

De Guarani, Tosca, Boheme, Traviata
Marta, Fausto, Manon, Aida ...
Resta a ferida do Tenor ausente
Que a quente, forte e sempre expressiva
Canção Divina
Tornava viva

As obras de Imortais nomes
Tais como Verdi, Wagner, Puccini
Rossini, Bellini, Bizet e Carlos Gomes.

Carreras, Domingo, Pavarotti
De Recanati absorvem emoções
E aos corações saudosos dos "giglianos"
Cantam cem anos que se viu passar
Desde o encarnar de uma Alma que do Éter
A Harmonia ... se afinava com sua Voz.

MÃE

Vi pela janela
Do alto da minha madureza
Curtida, de quatro décadas,
Simples anos de vida
Acenando para oitenta estações primaveras.

No rosto calmo,
De ternura sobrepondo-se às rugas
E de amor camuflando idades,
A preocupações transparece
No rápido mover dos olhos,
Que vão de uma criança à outra.

As mãos que tricotavam
Há pouca na sombra dos mangueirais
Movem-se agitadas
Colocando cada um no seu lugar...
Como mãe ajeitando o filho no leito.

Tudo bem, tudo feito,
Assegurada a segurança,
Parte a nave dos pequeninos...
Faixa amarela... mais uma vez...
Desaparecendo nos portões A ESCOLAR,
Levando nas janelas
Minúsculas mãos se agitando,
Misturadas ao azul dos uniformes,
No multicolorido das lancheiras,
Na inocência dos serenos sorrisos de adeus.

E a Irmã de todos eles
Mãe atenta Gisela
Balbucia algo e sai
No pátio desaparece a sombra dela...
Penso ver A Luz em torno a silhueta,
Voa a borboleta azul
Para a clausura anexa...
Ao céu!

(Homenagem à irmã Gisela, guardiã das crianças
no pátio do Instituto Santa Úrsula.)

COLUNAS

No templo de Olympieron em Atenas
Apenas as colunas me fascinam ...
Ensinam que em romano império
O mistério maior se realiza.

Quanta beleza nos espinhos
Das folhas de acanto ... ou da coroa
Dando encanto a coríntios capitêis ...
Fiéis induzindo ao pranto ...

Sobre o plinto, o fuste ...
Ou o corpo sobre a Cruz ...
Num ajuste de leveza,
Que a natureza deixa-se invejar,
Conduz a uma ponta de tristeza.

Envolta coluna em caneluras ...
Chicotadas.
Esculturas vivas ... biseladas,
Encimadas por volutas
Espirais sem começo e fim
Enfim curvas jônicas ... Universais ...
Impolutas.

Nada mais Sacro e significante
Deslumbrante criação humana
Da qual emana Espírito criador
Que com amor em pedra e mármore
Antevê e concretiza
A Paixão do Senhor.

FASES

Minha Lua
Como toda lua que se preza
Tem fases ...
Satélite,
Não tem luz própria ...
Sua luz vem do Deus interior.

É nova
Porque é jovem ... mas eclipsa constelações
Renova a cada instante seus sonhos.

É crescente
Não cabe no próprio corpo
Tem muito barro em si.

É cheia,
Repleta de esperança e de vida
Desconhece a morte decidida ... é imortal.

É minguante
Quando triste e abatida
Ressentida de um revês ... ou distraída.

É Deusa branca
De espessas sobrelhas
Que correm parelhas com a negra noite.
E como açoite bate os olhos
Sobre as tantas atrações do Universo.

Tem cratera
É fera ... é gata ... é leoa ...
Não é à toa que é inteligente
Persistente ... insistente ... indolente às vezes
É gente numa longa estrada
Que pede companhia.

Minha Lua ... é filha única
Como a da Terra
E encerra em si a água
Pó, fogo e ar ...
Um poema faz de tudo
E sabe amar.

VISITAS

Transição ...
Etérea Luz envolvente
Escada resplandescendente
Que brilha após muitas mortes ...
Espera que leva sem receio
Para o seio do Criador,
Da Terra ao cadinho Cósmico
Caminho que seduz a percorrer
E ter a receber nestas viagens
Imagens de pessoas que amou.

Reencarnação ...
A dor sentida pós parto
E farto banho de sangue
Seja batismo ... de agressão
Quando o abismo da existência
Se abrir à nova missão.
Do mar amniótico para o sopro
Em caótico ambiente projetado
Manietado, assustado, agredido
Ser envolvido pela mãe que o gerou.

São visitas impostas pela saga
Passagens ... além ... da imaginação
De quem vaga buscando a perfeição.
É mão do Arquiteto construindo
O ínfimo, intemporal Templo dos Templos
Tendo de exemplo ... arquétipo
O profético Templo de Salomão.

TORNEIOS

Cavalariças modernas e roncões de motores
Bandeiras, lenços, brasões em cores
Lances (de TV) e lenços coloridos
Desenvolvidos arcos, bestas, motores, freios
Aerofólios, câmbios, arreios.

Ferraris e Hondas ... Plantagenetas e Capetos
Alboretos, Sennas, Prost ... Guilherme Marechal
Descomunal aparato técnico ... escudeiros século XX
Requinte nos palanques, nas tendas, nas pistas.
Às vistas de milhares de Quixotes, sonhadores,
Espectadores, passeiam Dulcinéias de Interlagos.

Nos helicópteros, palafrêns de aço

Dos Paços reais chegam as elites ... fidalgos patrocinadores
E as cores do semáforo e bandeiras dão largada
À cavalgada de máquinas sobre rodas.

É um galope de quilômetros por segundo
Um mundo de décimos e milésimos ... de emoção
É ação ... é desgaste de cascos e pneus biscoito
É afoito conquistar de posições ... duelos
Belos momentos de ultrapassagem ... derrubar de selas.

São capacetes, elmos, escudos, espadas
Arriscadas curvas ... perigosos muros, dragões
Ilusões da alta velocidade ... tensões
Capacidade de luta, coragem, destreza
A beleza absoluta de um Grande Prêmio.

Lanças dirigíveis com estrondo se esbarram
Amarram atenções à fumaça ... ao óleo na pista
À quebra imprevista ... de um Rocinante
E a emocionante entrega do Graal
Afinal ... ao Cavalheiro que mereceu o Pódium.

Tempo cravado ... da Távola Redonda ...
Passado tempo das Cruzadas ... Templários
Lendários heróis ... hoje como ontem endeusados
Procurados, amados, invejados ...
Mas mergulhados, no futuro, em solidão
Se a razão que de Quixote fez Alonso
Não lhes mostrar a face da verdade ... tão feia
Que a realidade da fama escamoteia.

INACABAMENTOS

Passos ...

Um meu e outro do Cristo
Um do Cristo e outro meu.
Um meu e outro com Cristo
Um com Cristo e outro meu.
Um meu e outro no Cristo
Um no Cristo e outro meu.

Passos que se entrecruzam
Cruzes que se entrepassam
E passam os eventos
Arrastando até o fim
Incoerências e inacabamentos.

ROSA UM

Uma rosa perguntou para A Rosa:
- Para onde o espinho nos conduz?
E A Rosa respondeu para a rosa:
- Para o outro lado da cruz.

A rosa se põe de joelhos
Diante d'A Rosa que reluz
E os espinhos d'antes da rosa
São coroa de Jesus.

A rosa chora um perfume
A Rosa um facho de Amor
A cruz se torna Caminho
Desabrocha a rosa na dor.

É rosa em busca da Cruz
Cruz que precede A Rosa
É prosa buscando o verso
O Verbo envolvendo a prosa.

E na Cósmica aventura
Procura do Eu prescrito
No urdido de um poema
Eu sinto que está escrito.

Do Tecton, a Cruz Maior,
Lascas ... lenhos de cada um
Que em comum tem as rosas
Buscando Rosa número UM.

PASSAGEM

Vestiu o negro...

E na ausência de cor

Enterrou o passado.

Em ousado passo... reto

Escorregou num descompasso da Senda

Esbarrou na mística legenda... e só

Para uma alegórica acácia,

Teve a audácia de dizer um sim

Secreto.

Vestiu o negro...

E na pureza de um quadro,

Só moldura,

Criou sua obra... psíquica escultura.

E entre as sólidas colunas,

De sustentação do Ser

Abriu os braços no escuro

Abalou o humano templo

D'antes obscuro.

Vestiu o negro...

E na presença de Luzes

Viu-se iniciado...

E acabado o ato cede ao carma

Desarma o espírito silente

E sente extase secreto

Na onipresença do Arquiteto.

BIOGRAFIA DO AUTOR

É professor de Matemática e Coordenador Pedagógico do Instituto Santa Úrsula de Ribeirão Preto há 10 anos. Tem 2 filhos: Giovana e Rodrigo e é casado há 14 anos com Lúcia Aparecida. Tem publicado seus trabalhos nos jornais "A Cidade" e "O Diário" de Ribeirão Preto, nas colunas "Poetas de Ribeirão Preto" e "Poetas da Terra" respectivamente, e é autor da letra do hino do 1º Encontro Rosacruz da região norte do Estado de São Paulo.

Suas poesias também constam de três antologias da Litteris Editora, Rio de Janeiro, que são "Poetas e Poetisas de Ouro", "Amor na Literatura" e "Balção de Poesias", escolhidas através de concurso.

